

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL- PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

KEITHY XAVIER DE OLIVEIRA

UNIVERSO PARTICULAR: SÉRIE DOCUMENTAL SOBRE AUTISMO

PROJETO EXPERIMENTAL DE GRADUAÇÃO

**SANTA MARIA, RS, BRASIL
2019**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL- PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

KEITHY XAVIER DE OLIVEIRA

UNIVERSO PARTICULAR: SÉRIE DOCUMENTAL SOBRE AUTISMO

Trabalho de conclusão de curso como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Com. Social- Publicidade e
Propaganda pela Universidade Federal de
Santa Maria

ORIENTADOR: PROF. DR. LEANDRO STEVENS

SANTA MARIA, RS, BRASIL

2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL- PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

KEITHY XAVIER DE OLIVEIRA

UNIVERSO PARTICULAR: SÉRIE DOCUMENTAL SOBRE AUTISMO

Trabalho de conclusão de curso como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Com. Social- Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Santa Maria

**A Comissão, abaixo assinada, aprova o presente trabalho aos 6 dias do mês de
Dezembro de 2019**

Prof. Dr. Leandro Stevens (Orientador/UFSM)

Prof. Dr. Janderle Rabaiolli (UFSM)

Prof. Dr Cassio Tomaim (UFSM)

SANTA MARIA, RS, BRASIL

2019

DEDICATÓRIA

Ao meu irmão, Teddy Fenelon Rech de Oliveira,

que faz parte do meu convívio há mais de 20 anos e
somente agora fui capaz de entendê-lo melhor.

À meus pais, por cuidarem dele e de mim
com muito amor durante todo esse período
e muito mais.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente eu agradeço a Deus, que tem provido todas as minhas necessidades e que colocou no meu caminho todas as pessoas maravilhosas que serão citadas em seguida.

Aos meus pais, que são minha base, meu sustento, meu alicerce. Sem eles definitivamente eu não seria ninguém. São eles que me apoiam em todos os momentos e me completam com seu amor.

Aos meus irmãos, que sempre acreditaram em mim e nos meus sonhos, fazendo com que eu me mantivesse firme na jornada.

Ao meu orientador, Leandro Stevens, que eu considero muito mais do que um professor, um amigo. Agradeço por todas as conversas tanto sobre o trabalho quanto sobre a vida, foi uma jornada divertida e de muito crescimento.

À banca avaliadora deste trabalho, Janderle Rabaiolli e Cassio Tomaim, que gentilmente cederam seu tempo para compartilhar seus conhecimentos comigo e avaliar este projeto.

À Francisco Paiva, fundador da revista Autismo e um dos entrevistados nesse projeto, por me auxiliar em vários momentos e estar sempre disponível para ajudar ainda mais.

Aos professores e professoras que me acompanharam durante a graduação, que me ensinaram a exercer minha profissão com ética e seriedade e contribuíram para o meu crescimento como ser humano.

À Juliana Petermann, que foi a primeira pessoa a me instruir no universo acadêmico e mostrar o quão interessante e desafiador ele pode ser.

A Universidade Federal de Santa Maria, por ter sido minha casa, meu refúgio, meu ambiente de trabalho e de aprendizado durante os 4 anos de graduação. Me sinto privilegiada ter passado por essa instituição, serei eternamente grata e lutarei para que mais pessoas possam ter a oportunidade ao ensino público de qualidade.

Ao PET Comunicação Social, que foi e sempre será minha segunda família. Me acolheram e contribuíram para o meu desenvolvimento em todos os aspectos. Uma vez petiano, sempre petiano.

Ao pessoal do Núcleo de Divulgação Interna do CCR, em especial à Alice Wendt, que foi a primeira pessoa que acreditou no meu potencial na área do audiovisual e sempre me apoiou.

Às minhas parceiras de trabalho, Taisa Dalla Vale e Camille Pozzobon Abaid, por serem minhas incentivadoras sempre e me darem apoio.

Aos meus amigos, Pedro Amaral, Italo de Paula, Marcos Amaral, que se mostraram verdadeiros irmãos e foram os melhores presentes que o curso de Comunicação Social poderia ter me dado.

Às muitas moradoras do segundo andar do 501, Daniela, Anne Gabriele, Camila, Luiza e Iasmim, que me deram forças e tiveram que aguentar meus dias de bom e mau humor durante o período que moramos juntas, a amizade que se formou será eterna.

Aos jovens da Aprisco, que me ensinaram muito sobre amor de Deus, sobre amizade e sobre comunhão.

À minha melhor amiga, Laura Albuquerque, que acompanha minha jornada há mais de 10 anos e incentiva todos os meus sonhos.

Por fim, agradeço o meu amor, Marcos Marin, por ser meu parceiro de aventuras, embarcar nessa jornada comigo e não me deixar desistir em nenhum momento.

*Eu não sou difícil de ler
Faça sua parte
Eu sou daqui,
eu não sou de Marte
Vem, cara, me repara
Não vêem, tá na cara,
sou porta-bandeira de mim
Só não se perca ao entrar
No meu infinito particular*

*Infinito particular - Arnaldo Antunes,
Marisa Monte, Carlinhos Brown*

RESUMO

O presente trabalho faz parte de um projeto experimental que busca compreender o Transtorno do Espectro Autista (TEA) por meio de uma narrativa documental. Ela é retratada em uma série audiovisual e serve como forma de publicidade social a fim de visibilizar a causa. Para entender o autismo a partir de uma base teórica, utilizou-se autores como Mello (2007), Silva, Gaiato e Reveles (2012) e Tamahana, Perissinoto e Chiari (2008), além de pesquisa documental de legislações. Para assimilar a Publicidade Social e associar a produção à ela, foram utilizados principalmente os autores: Rabaiolli e Cardenal (2019), Saldanha (2017) e Balonas (2006). Com o fim de aprender sobre a produção documentária, as bases de estudo foram Sousa (2016), Nichols (2005) e Puccini (2009). Trabalhou-se todas as etapas da produção documental e, ao final, obteve-se o episódio piloto da série documental finalizado para avaliação.

Palavras-Chaves: Transtorno do Espectro Autista; Documentário; Publicidade Social; Série Documental.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1. Cena do Filme Orange Timor	16
Figura 2. Anúncio no jornal da Campanha por Timor	16
Figura 3. Modelo de Copo – Causas do Autismo.....	31
Figura 4. Modelo de Copo – Representação dos Sexos	32
Figura 5. Exemplo de Figuras do PECS	36
Quadro 1. Cronograma geral	45
Quadro 2. Comparação de Títulos	47
Figura 6. Contato com as personagens	50
Figura 7. Entrevista com Patrícia	53
Figura 8. Entrevista com Graciela	54
Figura 9. Diretoras UniTEA e produtora.....	54
Figura 10. Entrevista com Pâmela.....	55
Figura 11. Entrevista com Francisco Paiva	56
Figura 12. Entrevista com Marcelo Vitoriano	56
Figura 14. Família Petry e produtora.....	58
Figura 15. Terapia Ocupacional com criança autista	59
Figura 16. Print da Edição no Programa Adobe Premiere	61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 PRIMEIRA PARADA: PUBLICIDADE SOCIAL	13
2 NA GALÁXIA DO DOCUMENTÁRIO	18
2.1 TIPOS DE DOCUMENTÁRIOS	19
2.2 PROCESSOS DE PRODUÇÃO	20
2.2.1 Pré-Produção	21
2.2.2 Filmagem	23
2.2.3 Pós Produção	24
3 DESVENDANDO O AUTISMO	27
3.1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS	27
3.1.1 Histórico do Transtorno	28
3.2 MERGULHANDO NO UNIVERSO DO TEA	28
3.2.1 A descoberta de um novo universo – Diagnóstico e Causas	29
3.2.2 Primeiros passos no Universo do TEA - Adaptação	32
3.2.3 Na constelação das Intervenções – Tipos de tratamento	34
3.2.4 Um universo pelo telescópio – Representação do TEA na mídia	37
3.2.5 Legislação, Escola e Trabalho	39
4 PROJETANDO A MISSÃO	42
4.1 ESBOÇOS DE UMA POSSÍVEL MISSÃO	42
4.2 O PROJETO DA EXPEDIÇÃO	45
5 MISSÃO UNIVERSO PARTICULAR – UMA JORNADA PELO AUTISMO	49
5.1 ESCOLHA DOS PERSONAGENS	49
5.2 ESCOLHAS TÉCNICAS	52
5.3 GRAVAÇÕES	52
5.3.1 Diárias de Entrevistas	53
5.3.2 Diárias de eventos autônomos	58
5.4 PROBLEMAS	59
5.5 MONTAGEM	60
6 APONTAMENTOS FINAIS DA JORNADA	62
REFERÊNCIAS	64
ANEXOS	67

INTRODUÇÃO

É comum, ao falarmos sobre Autismo, que a imagem que nos venha à cabeça é de uma pessoa retraída, por vezes violenta, cheia de “manias” estranhas ao nosso ponto de vista. Como Silva, Gaiato e Reveles (2012, p. 6) nos apresentam, a imagem do autista:

Geralmente está associada a alguém "diferente" de nós, que vive à margem da sociedade e tem uma vida extremamente limitada, em que nada faz sentido. Mas não é bem assim. Esse olhar nos parece estreito demais: quando nós falamos em autismo, estamos nos referindo a pessoas com habilidades absolutamente reveladoras, que calam fundo na nossa alma, e nos fazem refletir sobre quem de fato vive alienado.

O Autismo é um espectro que abarca diversos tipos de manifestações e precisa ser entendido como tal. Dentro desse espectro, temos manifestações mais leves, como a síndrome de Asperger, e casos mais graves, nos quais é possível notar que grande parte dos sintomas manifestam-se até em níveis mais elevados. Sabendo disso, torna-se importante entender tais singularidades para que, ao criar produtos midiáticos, preconceitos e estereótipos não sejam reforçados.

Considerando tais colocações, infere-se que uma única produção talvez não seja capaz de abordar tantos aspectos que circundam o transtorno. Portanto, optou-se por trabalhar com uma série documental, que, ao longo de seis episódios, se consiga ter um maior entendimento sobre o assunto.

A ideia de separar a produção em seis episódios surgiu como uma forma de resolver algumas problemáticas que foram encontradas ao longo da idealização do projeto. A principal delas era: como conquistar um elevado alcance na produção para visibilizar a causa do Autismo? Nesta parte do trabalho entra a parte da Publicidade Social. Por meio da compreensão de suas características, entendeu-se que este seria o melhor viés para o projeto, ao trazer não só a liberdade criativa como também a participação ativa da sociedade. A partir disso, outras problemáticas menores apareceram, como a questão da duração e da veiculação. Para resolver tais questões, foi necessário pensar estrategicamente a produção.

Entende-se que, por estarmos vivendo na era digital, acabamos por nos acostumar com alguns hábitos originados em função dela. Um deles é a rapidez que desejamos para a veiculação dos conteúdos. Tendo isso em vista, optou-se por trabalhar com produções concisas, que pudessem apresentar o conteúdo de forma compreensível e num espaço de tempo mais curto. O objetivo é que o espectador não canse de assistir e saia do vídeo antes da sua finalização. Valoriza-se, assim, a taxa de retenção.

A divisão dos episódios foi feita para que todos os vídeos façam parte de uma unidade, mas que também possam ser assistidos separadamente. Essa decisão foi tomada por considerar que os algoritmos das plataformas de veiculação podem fazer com que as pessoas recebam alguns vídeos antes do que outros, em ordens separadas. Portanto, é preciso que cada episódio tenha um início, um meio e um fim. Entretanto, os episódios serão pensados em uma ordem planejada, seguindo o que se compreende como “jornada do autismo”, que inicia pelo diagnóstico até a inserção na sociedade.

Justifica-se este projeto primeiramente por sua relevância em trazer a discussão do tema Transtorno do Espectro Autista em produções documentárias acessíveis. A intenção é que elas possam gerar engajamento por parte do público-alvo e trazer visibilidade para a causa, colaborando, assim, na melhoria do entendimento das pessoas.

A justificativa também se encontra em motivação pessoal por parte da autora do trabalho. Mesmo tendo um irmão diagnosticado com o transtorno, não tinha noção da abrangência do tema. Além disso, o incômodo com a maneira que, muitas vezes, as pessoas autistas são representados pela mídia e enxergados pela sociedade também foi um dos motivadores deste trabalho.

Outra questão que ressalta a pertinência de estudos como esse é a legislativa. A Lei nº 12.764/2012 institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, atendendo aos princípios da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC, 2008) e ao propósito da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência – CDPD feito pela ONU (PLANALTO, 2009). Essa lei tem como intenção: “promover, proteger e assegurar o exercício pleno e equitativo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência e promover o respeito pela sua dignidade inerente” (Lei nº 12.764/2012). Através das diretrizes propostas na lei, é possível observar uma combinação com os objetivos da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, atentando aqui para um objetivo em especial: promover a “acessibilidade urbanística, arquitetônica, nos mobiliários, equipamentos, nos transportes, *na comunicação e informação*” (NOTA TÉCNICA Nº 24 / 2013 / MEC / SECADI / DPEE, *grifo nosso*). Aqui estende-se o significado de comunicação para além das relações interpessoais, contemplando a mídia. A importância dela (e de seus materiais midiáticos) tem em promover, proteger e assegurar o exercício pleno e equitativo de todos os direitos da pessoa autista ajuda a justificar este trabalho.

Mediante os objetivos apresentados a seguir, visa-se a conclusão do projeto experimental de maneira acertada, acreditando na grande pertinência do tema.

Esse trabalho tem como **objetivo geral** elaborar uma série documental sobre o Transtorno do Espectro Autista, produzindo um episódio piloto para fins de avaliação.

Os **objetivos específicos** são: (A) *coletar* dados sobre o Transtorno do Espectro Autista, a fim de entender melhor o tema; (B) *entrevistar* profissionais que estudem sobre o assunto, como forma de credibilizar a produção; (C) *conversar* com pessoas diagnosticadas com o transtorno e com seus familiares, a fim de nos aproximarmos da realidade da convivência com pessoas no espectro; (D) *entender* a publicidade social na perspectiva de uma estratégia para visibilizar a causa do autismo, (E) *trabalhar* o audiovisual documentário, como forma de capacitação pessoal da produtora.

Compreende-se este trabalho como uma jornada. Por isso, todos os capítulos fazem menção à temática. Como toda jornada, esta também tem um ponto de partida ao qual foi destinado o capítulo 1 sobre Publicidade Social. Para compreender melhor esse tipo de publicidade, foram utilizados principalmente os autores: Rabaiolli e Cardenal (2019), Saldanha (2017) e Balonas (2006), que, apesar de apresentarem algumas divergências na discussão do tema, possibilitaram a compreensão do assunto e a relação do mesmo com nossa produção.

No segundo capítulo, foram apresentados os estudos de Sousa (2016) referentes ao histórico do gênero documentário, a divisão de Nichols (2005) para os tipos de documentários e os processos de produção demonstrados por Puccini (2009). Por meio deles, foi possível compreender o tema e capacitar a autora na realização da produção.

O terceiro capítulo expõe a pesquisa que foi realizada para entender o Transtorno do Espectro Autista. A partir da compreensão de que o autismo é um assunto que abarca muitas discussões, foi necessário fazer a divisão do capítulo em tópicos que auxiliem o entendimento da jornada como um todo. Muitos autores foram citados, mas chama-se a atenção para Mello (2007), Silva, Gaiato e Reveles (2012) e Tamahana, Perissinoto e Chiari (2008) que serviram como bases do estudo. Além disso, também são apresentadas também pesquisas documentais de legislações.

No quarto capítulo são exibidas as propostas que serviram como guia para a produção efetiva. No capítulo cinco é mostrada como foi a execução do projeto, no qual abordaremos questões da pré-produção, como escolhas técnicas e de personagens, a gravação, os problemas enfrentados no processo e a fase final de pós-produção que culminou na montagem do episódio piloto.

1 PRIMEIRA PARADA: PUBLICIDADE SOCIAL

Quando se fala em publicidade, geralmente a ideia que vem à tona é a sua questão comercial. Isso se deve, como nos apresenta Janderle Rabaiolli e Jozieli Camila Cardenal (2019), à mudança de sentido que o conceito, antes entendido como tornar algo público (derivado do latim *publicus*), sofreu. Como fruto da revolução industrial, a publicidade passou a ser “associada ao caráter comercial relativo aos bens de consumo e fortemente vinculada com a iniciativa privada” (RABAIOLLI e CARDENAL, 2019, p.3).

De fato, esse é um dos aspectos que permeiam a publicidade, mas ela não é apenas isso. Conforme salienta Gisela Marques P. Gonçalves (2004), ao citar os estudos de Philip Kotler, a publicidade seria uma forma não pessoal de apresentar ou promover ideias, bens ou serviços, paga por um patrocinador identificado (GONÇALVES, 2004). Isso sugere, como a autora discute, dois caminhos possíveis para se pensar a publicidade: enquanto estratégia comercial, quando inserida no marketing, e como elemento chave na comunicação de causas e valores sociais, quando promove ideias, a chamada publicidade social ou comunitária.

Todavia, como destacam Rabaiolli e Cardenal (2019), em um contexto de convergência midiática, a publicidade dita comercial se reinventa e assume o papel de convencer além de persuadir, adquirindo também um papel social. Nessa perspectiva, a publicidade social não contrapõe a publicidade mercadológica, apenas opera de outra maneira ao envolver o cidadão e recorrer ao uso de novas tecnologias na tentativa de sensibilizar sobre causas sociais.

Cabe aqui fazer uma diferenciação entre Publicidade Social, Publicidade Comunitária e Publicidade de Utilidade Pública, termos que muitas vezes podem se misturar e gerar confusão. Para isto, serão utilizadas as definições que Patrícia Gonçalves Saldanha (2017) indica:

A) A Publicidade Social possui um cunho não hegemônico e não se contrapõe à publicidade mercadológica, apenas opera de outra maneira, incluindo o cidadão na resolução de um problema que aparentemente não era seu. Esse tipo de publicidade sensibiliza a sociedade e reverbera causas através do uso das novas tecnologias e de táticas publicitárias inovadoras.

Desde doações, abaixo-assinados, contribuições em forma de trabalho, ações de *crowdfunding*, guerrilhas, peças gráficas inovadoras, criação de aplicativos tecnológicos, produções audiovisuais divulgadas em meios alternativos, eventos culturais e, por fim, na partilha dos sentimentos na conquista dos resultados sociais e financeiros e na superação de obstáculos com a resolução ou amenização dos problemas reais que moveram a campanha. (SALDANHA, 2016, apud SALDANHA, 2017, p.12).

B) A Publicidade Comunitária é feita na, pela e para a comunidade. Possui um caráter mais local, se empenhando em dar visibilidade aos talentos de um lugar ou de um grupo específico e tem como objetivo reverter os benefícios conquistados para a própria coletividade (do lugar ou grupo). A grande diferença entre o tipo apresentado anteriormente é que o ponto de partida da publicidade comunitária é da comunidade e não de outra instância de poder.

C) A Publicidade de Utilidade Pública, ainda em desenvolvimento como apresentado por Saldanha, tem pistas nas discussões referente à saúde pública, questões de gênero atuais e questões ligadas aos Direitos Humanos. A publicidade de utilidade pública se diferencia de Interesse Público pois a última possui como principal definidor de “o que é interesse” o próprio poder público representado pelo Estado. Pode se relacionar com a Publicidade Social à medida em que envolve mobilização do cidadão nas causas reais que o afetam ou afetam o grupo ao qual pertence.

Também, nesse sentido de diferenciação, Sara Balonas (2006) vê uma distinção importante quanto à questão de lidar com causas sociais. Para Balonas, o marketing social - tendo a publicidade como uma de suas ramificações – quando envolto por motivações empresariais, tais como o lucro, deve ser entendido como “marketing relacionado com causa social”. Nessa estratégia ganham tanto a marca/empresa, por incrementar suas vendas e melhorar sua visibilidade, quanto as entidades, pelo ganho de simpatizantes, aumento de recursos, entre outros.

Nesse tipo de relacionamento, conforme Balonas (2006), o consumidor, ao aderir a uma campanha voltada para o social, experimenta um efeito “redentor” no ato de consumir. Além de comprar um produto, o cliente estaria contribuindo com uma causa, o que funciona como dupla recompensa.

Assim, também apresenta um novo conceito: a publicidade a favor de causas sociais. Nesse tipo, não há a promoção de empresas e o funcionamento é em oposição ao já citado marketing a favor de causas sociais, pois não se pretende, com a ação, fazer menção da marca, produto ou serviço. Nessa publicidade o centro é a audiência e sua mudança de comportamento. O objeto é a causa em si.

Para além desta, Balonas (2006) aponta, com base em Kotler e Andreasem (1991), outros tipos de publicidade que entram no nicho de marketing social. São elas: publicidade caritativa, referente à campanhas de caridade, como as contra a fome; publicidade política, ligada a campanhas eleitorais; publicidade governamental, que promovem atitudes como poupar água, recrutamento militar, incentivo à leitura; publicidade associativa, como por

exemplo campanhas de incentivo ao uso de genéricos, consumo de leite, etc. Citou-se aqui estes outros tipos para proporcionar ao leitor uma melhor visualização do marketing social como um todo.

Entende-se que a Publicidade Social é um campo com muitas discussões e divergências e que em determinados lugares do mundo ela apresenta outras significações e entendimentos. No meio de tantas distinções, principalmente no que tange em estar ou não promovendo a empresa por trás da ação, acredita-se que a melhor definição de Publicidade Social com este trabalho é a que Saldanha (2017) nos apresenta e já foi citada anteriormente. Será considerado então, nas discussões subsequentes, que a publicidade social é aquela que tem como objetivo dar visibilidade para **a causa** (aqui destacada para ressaltar seu valor), mas não necessariamente ocultando a empresa/instituição/marca por trás dela. Esse tipo de publicidade tem como particularidade a participação ativa da sociedade e nas novas tecnologias, como na internet, tem seu poder intensificado.

Apresenta-se aqui um exemplo apresentado por Balonas (2006) para melhor entendimento do que é a publicidade social: o *Case* Timor. Este *case* trata-se de uma campanha do “cliente” Sindicato dos Jornalistas feita pela agência Young & Rubicam. O objetivo era internacionalizar o drama que estava acontecendo em Timor-Leste e mobilizar as pessoas, à nível mundial, a pressionar instituições, como a Organização das Nações Unidas, a agir.

Para contextualizar o leitor, existe uma ilha na Indonésia que é dividida em duas partes: uma parte pertence à Indonésia e a outra é Timor. A última foi tomada violentamente pela Indonésia. Desde então, os timorenses sofreram muitos massacres e a campanha foi veiculada após um deles. A campanha tinha como produções anúncios para jornal e para televisão.

O anúncio televisivo tinha um minuto de duração, e, no seu decorrer, havia uma locução enquanto uma laranja é cortada em duas partes e espremida em um copo. O anúncio finaliza com um plano aberto do copo de suco, que tinha uma rodela de laranja espetada por uma sombrinha chinesa decorativa. A Locução que se tinha era:

Existe uma ilha da indonésia dividida em duas. Uma parte é da indonésia, a outra é um território chamado timor, que a indonésia tomou para si, violentamente, há 16 anos. Desde então, mais de 200 mil timorenses foram massacrados, exterminados e ninguém fez nada. Mas agora que você já conhece a outra face da indonésia, quando for passear em bali ou em java, aproveite para fazer alguma coisa. Nem que seja um brinde aos milhares de timorenses que vão sendo assassinados enquanto você goza as suas férias na indonésia. (YOUTUBE, 2013)

Figura 1. Cena do Filme Orange Timor



Fonte: Youtube (2013)

Os anúncios nos jornais tinham uma chamada que procurava despertar a curiosidade do leitor e uma imagem de impacto visual. Além disso, foi utilizada a estratégia de *response-ad* na qual havia um cupom que o leitor poderia preencher com seu nome.

Figura 2. Anúncio no jornal da Campanha por Timor

Eu, _____ cidadão português,
estou indignado com a omissão internacional em relação ao drama de Timor-Leste.
Exijo que a ONU tome uma posição. Não quero palavras. Quero decisões.



Fonte: Balonas (2006)

Esta campanha não foi uma iniciativa do cliente, mas, como ressalta Balonas (2006), é um bom exemplo de que o apoio às causas sociais pode vir dos próprios publicitários. Após o estudo da situação, definem objetivos e criam uma campanha, procurando, por fim, uma instituição para assiná-la

Nesse *case* podemos perceber uma das características mais atrativas da publicidade social: a liberdade criativa. Além disso, é válido ressaltar que esse tipo de publicidade, conforme Rabaiolli e Cardenal (2019, p. 5) afirmam,

constrói a própria singularidade no sistema midiático pela capacidade de transformar uma série de críticas em elementos de força (VIGANÒ, 2011), a saber: a) diferentemente do que ocorre com a publicidade comercial, a verba disponível para realização e veiculação é muito mais reduzida; b) a publicidade social torna-se sustento de quem trabalha no terceiro setor e do *non profit* (sem fins lucrativos); c) raramente campanhas de publicidade social conseguem ganhar e manter visibilidade longa no sistema midiático; d) campanhas sociais possibilitam a quem realiza experimentar estratégias criativas, originais, em face da natureza e da dificuldade de fazer atrair o público indiferente.

Com base na discussão apresentada acima, compreende-se o presente trabalho como uma Publicidade Social. A iniciativa dele não partiu de uma empresa, mas, como o case de Timor, pode ser oferecido para instituições financiadoras que assinem a produção.

Além disso, as características da Publicidade Social beneficiam este trabalho. A liberdade criativa permite que a produção documentária seja testada e a busca pela participação ativa do público com seu engajamento favorece o alcance.

2 NA GALÁXIA DO DOCUMENTÁRIO

O documentário é um gênero cinematográfico que busca explorar a realidade tal e qual como ela é. Entretanto, o que se tem, como ressalta Gonçalo Sousa (2016), “é uma representação parcial e subjetiva da realidade, sempre influenciada pelo olhar do realizador”.

Segundo Sousa (2016), as primeiras experiências cinematográficas do gênero documental estão associadas aos irmãos Lumière. Entretanto, o formato, como o conhecemos hoje, teve seus primeiros expoentes por volta da segunda década do século XIX. Através dos cineastas Robert Flaherty e Dziga Vertov criou-se a base para um posicionamento de filme documentário, por mais que os dois tivessem divergências em alguns pensamentos sobre a metodologia da criação documental. Flaherty, por exemplo, fazia com que as pessoas se manifestassem para a câmera, enquanto Vertov preferia captar as imagens sem que as pessoas percebessem que estavam sendo registradas.

Entretanto, algo que ambos concordavam é a importância de uma análise introspectiva do material captado, dando origem, assim, ao processo de montagem do filme. “Assim, o documentário não era mais um simples espelho da realidade, porque ao interligarem-se as imagens os cineastas estavam a conferir um significado à realidade.” (SOUSA, 2016).

Pouco tempo depois, por volta de 1930, John Grierson aparece e torna-se um grande destaque no novo movimento documentarista. Grierson alegava, unificando os pensamentos dos primeiros expoentes, que a organização do material reunido poderia ser feita de diversas formas e que cada forma correspondia à uma abordagem diferente. O britânico também defendia a função social da produção documentária (SOUSA, 2016).

Conforme Sousa (2016), para Grierson, não bastava apenas que o documentário mostrasse o mundo tal e qual ele é, e sim que o autor das imagens exercesse o seu ponto de vista sobre o material captado. Suas afirmações lhe conferiram a classificação de autor criativo, pois ele fez com que o documentário não fosse apenas mera reprodução de acontecimentos.

A partir de Grierson o documentário assume 3 princípios:

1 – A obrigação de se fazer um registro *in loco* da vida das pessoas e dos acontecimentos do Mundo; 2 – A apresentação dos temas deve ser organizado segundo um ponto de vista; 3 – O realizador tem a responsabilidade de tratar com criatividade o material recolhido, combinando e misturando essas imagens com outro material. (SOUSA, 2016)

Além disso, como mostra Sousa (2016), outra característica que marcou a identidade das produções documentais e que foi herdada de Grierson é o predomínio da voz em off. Isso faz com que, muitas vezes, o gênero seja confundido com uma reportagem televisiva.

Neste capítulo, serão abordados os tipos de documentários existentes, com a finalidade de entender qual ou quais melhor se encaixam com a produção deste trabalho. Também serão apresentados os processos de produção do gênero, a fim de guiar a realização da série e finalização do episódio piloto.

2.1 TIPOS DE DOCUMENTÁRIOS

Antes de apresentar os tipos de documentários, é necessário esclarecer que as características de cada modo não ditam todos os aspectos de sua organização, e sim funcionam como dominantes, respeitando uma margem de liberdade do documentarista (NICHOLS, 2005). Outra ressalva importante é que, apesar de os diferentes tipos de documentários terem sido criados em uma linha temporal, aqueles que aparecem mais tardiamente não têm superioridade sobre os anteriores, apenas apresentam novos vieses de produção.

Tendo isso em mente, serão apresentados os seis tipos de documentários que existem, explicando, com base nos estudos de Nichols (2005), sucintamente cada um deles:

- a) Modo Poético (início anos 20): as convenções da montagem em continuidade e a ideia de localização no tempo e no espaço são sacrificadas em prol da exploração de associações e padrões que envolvem ritmos temporais e justaposições espaciais. Enfatiza mais o estado de ânimo, o tom e o afeto do que o elemento retórico. Nesse tipo de produção, a estética de como o cineasta vai representar o mundo histórico é o que tem maior valor.
- b) Modo Expositivo (início anos 20): dirigindo-se ao espectador diretamente, o modo expositivo possui uma carga mais argumentativa do que estética, enfatizando a impressão de objetividade e argumento bem embasado. Depende muito de uma lógica informativa transmitida verbalmente, fato que se observa na ocorrência de legendas ou *voz-over* (conhecida como “voz de Deus” por serem comentários que guiam a narrativa). As imagens possuem papel secundário no documentário expositivo.

- c) Modo Observativo (início anos 60): com os avanços tecnológicos, surgiram as câmeras de 16 mm que possibilitavam o transporte de equipamentos por uma só pessoa. Tendo isso em vista, o documentarista podia prontamente se inserir no mundo histórico, respeitando que, ao fazê-lo, deveria abdicar de algumas formas de controle que possuía nos formatos anteriores. Há o entendimento de que ele é apenas um observador e que não pode intervir. O que vemos, nesse tipo de produção, é o que estava lá e teria acontecido mesmo se a câmera não estivesse presente.
- d) Modo Participativo (início anos 60): diferente do observativo, no modo participativo o documentarista se envolve no mundo histórico, mantendo, entretanto, um distanciamento que o diferencia daqueles a quem escreve a respeito. Nesse tipo de documentário, o que aprendemos vai depender da natureza e da qualidade do encontro entre o cineasta e o tema, sendo as entrevistas uma das formas mais comuns.
- e) Modo Reflexivo (início anos 80): nesse modo, o documentarista não fala apenas do mundo histórico, mas também dos problemas e questões da representação. Ou seja, é considerado *o que* está sendo representado e *como* está sendo representado. O foco da atenção são os processos de negociação entre cineasta e espectador. Observa-se a ocorrência de entrevistas encenadas e outras formas de subverter as produções habituais, com o objetivo de refletir sobre o processo pelo qual a impressão é construída por meio da montagem.
- f) Modo Performático (início anos 80): objetivando demonstrar como o nosso conhecimento material incide na compreensão do mundo, o documentário performático enfatiza as dimensões subjetivas e afetivas de um discurso classicamente objetivo. Assim, amplia acontecimentos reais a partir dos imaginários, validados pela licença poética.

Para a produção deste trabalho, aproveitou-se características de vários modos, os principais são: modo participativo, expositivo e poético, como será mostrado na elaboração da proposta, no capítulo 4.

2.2 PROCESSOS DE PRODUÇÃO

Puccini (2009) divide as etapas de produção em três: pré produção, filmagem e pós produção. Neste tópico serão apresentadas cada uma delas, detalhadas as ações que devem ser tomadas e os cuidados aos quais se deve atentar.

2.2.1 Pré-Produção

A primeira parte para a elaboração de um documentário é fazer uma pesquisa inicial que irá guiar o produtor na criação de uma proposta de produto. Nesta primeira fase de pesquisa, são feitos levantamentos para se obter um conhecimento mais generalizado sobre o assunto escolhido. Depois de uma proposta inicial em mente, o produtor passa para a segunda fase da pesquisa. Para se fazer um correto levantamento das necessidades da produção, Puccini (2009), enfatiza a importância da pesquisa no detalhamento do conteúdo do filme. É através desse detalhamento que passa-se para uma criação de hipóteses.

Segundo Rosenthal (1996 apud Puccini 2009) o que conduz a pesquisa é a hipótese de trabalho do pesquisador. Esse deve tentar descobrir tudo aquilo que for dramático, atraente e interessante, dentro dos limites do seu assunto. O autor ainda lista quatro fontes de pesquisa que podem ser utilizadas para a descoberta: material impresso, material de arquivo, entrevistas e pesquisa de campo nas locações de filmagem.

Puccini ressalta que

o documentarista deverá ler tudo aquilo que for possível, dentro dos limites do tempo disponível para a produção, referente ao assunto escolhido; fazer um exaustivo levantamento de material de arquivo, entre fotos, filmes e arquivos sonoros, *buscando garantir permissão para uso no filme*; fazer pré entrevista com todas as pessoas que possam estar envolvidas com o tema; além de visitar os locais de filmagem para se familiarizar com o espaço físico e com as pessoas que os habitam” (2009, p.32 grifo nosso).

Referente a essa citação, frisa-se as questões de material de arquivo e realização de pré-entrevistas. A primeira é referente a pesquisa de acervo de produções (independentes do formato) já feitas sobre o assunto, sendo muito utilizados os computadores e a internet como instrumentos de busca.

Já a segunda questão é útil tanto para ampliar os conhecimentos sobre o tema, quanto para servir de teste para avaliar os possíveis participantes do documentário enquanto produto final. Essa estratégia possibilita dois momentos de entrevista, fazendo

com que o produtor consiga extrair o melhor da primeira e aprimorar para quando for realizar a gravação da entrevista oficial.

Após essas fases de pesquisa, segue-se para a parte de criar o argumento da produção. O argumento de um documentário deve responder a seis questões principais, segundo Puccini (2009): O quê? Quem? Quando? Onde? Por quê?. A primeira diz respeito ao assunto do documentário; a segunda especifica os personagens que participarão e qual o papel de cada um deles; a terceira trata do tempo histórico; a quarta define as locações e/ou o espaço geográfico no qual o documentário será realizado; a quinta indica a maneira como o assunto será tratado, mostrando suas estratégias de abordagem; e a sexta apresenta uma justificativa para a realização do documentário. Todas essas questões devem ser respondidas com base no que foi coletado durante a etapa de pesquisa.

A finalização da pré-produção é feita por meio do tratamento, momento em que as ideias do argumento serão organizadas. Como Puccini (2009, p. 59) ressalta, “o tratamento cuida da estrutura do documentário ao permitir a visualização da ordem em que as sequências do filme irão aparecer”. Entretanto, é importante ressaltar que essa estrutura mantém uma abertura aos imprevistos que podem ocorrer na etapa de filmagem.

Muitos dos elementos presentes no tratamento já devem aparecer no argumento, é tarefa do tratamento detalhar a maneira como o conteúdo será trabalhado, servindo como um exercício para testar a validade e a pertinência dos recursos expressivos a serem empregados no filme (PUCCINI, 2009).

O tratamento visual e sonoro apresentados por Puccini (2009) possuem algumas subdivisões. Referente ao tratamento de imagem, podemos reunir três grupos referentes: imagens obtidas por meio de registros originais, por materiais de arquivo ou por recursos gráficos. O primeiro grupo é composto por imagens registradas pelo próprio documentarista e pode ser dividido em eventos autônomos (não controlado) ou eventos integrados (controlados pelo realizador). O segundo grupo é referente aos materiais de arquivo, que são as imagens em movimento, filmes e vídeos de origens diversas. O terceiro engloba os recursos gráficos tais como animações, ilustração de dados técnicos, imagens em *still* e intertítulos.

No tratamento de som, cinco possibilidades se destacam, são elas: som direto (captado em situação de filmagem), som de arquivo (diversas origens como filmes, rádio, discursos, etc.), *voz over* (sobreposta a imagem), efeitos sonoros (criados na fase de edição para ambientação) e a trilha sonora.

A formatação do tratamento pode ser linear, apresentando um resumo do filme em sequência tendo a preocupação com o tratamento sonoro minimizada, ou em coluna, sendo esta a mais comum, normalmente feita em duas colunas: uma descrevendo a imagem e outra descrevendo o som.

2.2.2 Filmagem

Conforme Puccini (2009) nos apresenta, após a realização do tratamento, são definidas as situações de filmagem. Essas situações exigem métodos de planejamento, que podem ir desde um trabalho guiado, composto por um roteiro mais fechado, até uma filmagem aberta, sem roteiro previamente definido, guiadas pelas orientações do diretor e sensibilidade do operador de câmera. Existem alguns tipos de situações na filmagem de documentário que são mais utilizadas, são elas: filmagem de entrevista, eventos encenados e eventos autônomos.

Nas filmagens de entrevista, segundo Puccini (2009), as opções de enquadramento ficam restritas aos planos médio, primeiro plano e close-up, eventualmente podendo mostrar o corpo inteiro do entrevistado. A utilização de um tripé na hora da filmagem vai depender do local em que ela será realizada e da situação que ela apresenta, por exemplo em entrevistas previamente agendadas e de longa duração é conveniente que se utiliza o tripé, procurando dar uma maior estabilidade da imagem demandando menor esforço físico do operador.

Uma estratégia muito utilizada nas filmagens de entrevista é a variação de enquadramentos, com o intuito de gerar uma dinâmica no documentário, combatendo a monotonia de uma entrevista longa filmada em um plano único. Com essa variação e inserção de planos de cobertura se evitam os *jump-cuts*, que são os cortes mais visíveis (impressão de “pulo” na imagem). (Puccini, 2009)

Outra coisa a se cuidar na filmagem de entrevistas, como ressalta Puccini (2009), é o direcionamento do olhar do entrevistado. A direção do olhar geralmente é guiada pela posição do entrevistador, presente ou não em cena. É preciso cuidar para que o olhar não siga para várias direções. Em alguns casos, o entrevistado pode olhar para a câmera, mas é preciso entender o teor que esse olhar direto causa. Situações de olhar direto geralmente estão relacionados a políticos na intenção de conquistar a confiança dos eleitores.

Puccini (2009) afirma que o local em que irá acontecer a entrevista tem grande influência no documentário. Entrevistas em estúdios permitem uma facilidade na questão

técnica da filmagem, pensando em iluminação e captação de som, entretanto, podem fazer com que o entrevistado se intimide e o depoimento perca sua espontaneidade. O contrário acontece em ambientes que o entrevistado já esteja familiarizado, deixando para a equipe de filmagem uma maior dificuldade na adequação da parte técnica.

No caso de situação de filmagem de eventos encenados, o diretor possui ao seu dispor um repertório expressivo, típico de filmes de ficção, em que os atores realizam suas falas, movimentos e afins de forma calculada para a câmera. Esse tipo de produção é caracterizado por um planejamento mais efetivo, em que o diretor já tem conhecimento do que deseja mostrar e a ação toda é programada a partir disso. Não iremos nos prolongar na explicação dessa situação pois essa técnica não será utilizada em nossa produção. (Puccini, 2009)

Já na situação de filmagem de eventos autônomos, a realização acontece sem roteiros. Tem-se um espaço real, um espaço no mundo em que uma câmera é posicionada, mas esta não exerce domínio sobre o todo. Conforme afirma Puccini (2009, p.79), “a relação entre a ação e as conformidades do quadro são mais conflituosas”. Nesse tipo de situação, o conteúdo é mais importante do que a técnica.

Uma cena mal iluminada que tem força dramática é sempre preferível a uma cena lindamente iluminada mas que perdeu o momento dramático e que só registra as sobras do momento significativo. O fotógrafo do documentário está sempre fazendo concessões técnicas em função de questões dramáticas. (Forumdoc.bh 2005, p. 145 apud Puccini 2009, p. 79)

Uma estratégia para diminuir a quantia de imprevistos em situações de cena assim é a elaboração de esquemas mínimos para o planejamento da filmagem. Estes esquemas se dão por meio de um conhecimento prévio daquilo que está por vir, mas não garantem controle total ou parcial da produção, apenas orientam um caminho. É essencial entender que situações imprevistas obstáculos e mudanças podem ocorrer e que os esquemas não são capazes de preparar o produtor para isso de forma absoluta. (Puccini, 2009)

2.2.3 Pós Produção

Puccini (2009) evidencia a etapa de montagem do documentário como o momento em que o documentarista adquire todo o controle sobre o universo da representação do filme. A montagem necessita de um trabalho prévio de análise do material filmado e roteirização que ordena a sequência de como tudo será retratado. Essa roteirização não é

necessariamente escrita no papel, mas se apresentará por meio das escolhas do documentarista na hora da construção do produto.

O produto final deve ser sustentado por uma lógica que justifique o filme,

Essa lógica pode ser a de dar forma a um impulso estético (documentário poético), a um registro amador que adquire importância histórica (*Brasília segundo Feldman*, de Vladimir Carvalho, por exemplo), a um exercício de maior experimentação autobiográfica, à necessidade de informar a respeito de um determinado evento ou situação, entre outras tantas variáveis (Puccini 2009, p. 94)

Como na produção documentária muitos eventos escapam do controle do produtor, a etapa de montagem possui uma liberdade criativa muito maior se comparada aos filmes de ficção. Frequentemente, os documentários não possuem um roteiro predefinido, apenas possuem uma hipótese inicial, exposta na proposta de filmagem, mas que pode ser subvertida durante o processo, cabe, assim, a etapa de montagem dar conta de transformar a narrativa. (Puccini, 2009)

O roteiro de edição, segundo Puccini (2009), é resultado de uma análise atenta das imagens e sons coletados no material bruto, podendo ou não seguir o que foi previamente escrito na pré-produção. Nesse processo, o diretor do documentário pode se deparar com três tipos de sequência: de entrevistas, de ação e de material de arquivo (sendo estas compostas por situações de entrevistas ou por ações). Podem-se acrescentar a esses tipos sequências formadas por animações gráficas, como textos e imagens em still, e fotografias e documentos do material de arquivo.

Numa etapa de seleção inicial, são extraídos os planos que apresentam problemas técnicos e aqueles que não apresentam interesse para o filme. Em seguida é feita a transcrição das entrevistas e decupagem das sequências de ação. As transcrições de entrevistas não são feitas necessariamente de maneira detalhada, escrevendo palavra por palavra do que a pessoa disse. Elas podem ser feitas, como Puccini (2009) nos mostra, por meio de uma anotação de tópicos que resumam o assunto de cada parte.

Segundo Puccini (2009, p. 103), “o trabalho de ordenação das sequências do documentário pode ser facilitado caso haja uma linha narrativa a ser seguida”. Entendendo essa linha, se torna mais rápido construir sua estrutura. Um ponto essencial que faz parte dessa estrutura é saber como será a abertura e o encerramento do filme, para, assim, buscar meios de tornar a narrativa efetiva e conduzir o espectador.

Uma tática que auxilia na construção da narrativa são as narrações em voz over. Por mais que levem muitas críticas, essa estratégia serve para sintetizar informações que

não encontrariam canais adequados de expressão. Como Puccini (2009) nos alerta, o texto da narração deve ser escrito de maneira clara e objetiva, transmitindo apenas o essencial com o menor número possível de palavras.

É importante frisar pelo ritmo do documentário, o fluxo das imagens deve ser a principal preocupação do documentarista. Tornar a produção atrativa é um desafio, e tem a etapa de pós-produção como uma grande responsável pelo feito.

3 DESVENDANDO O AUTISMO

O transtorno do espectro autista (TEA) abrange um universo de aspectos que são necessários de se entender antes de realizar qualquer produção sobre o assunto. Compreendendo isso, nesse capítulo será apresentada a pesquisa prévia que foi realizada para aprender sobre o tema. Separou-se em aspectos introdutórios aqueles referentes a explicações mais superficiais sobre o tema, para se ter uma visão inicial, e em um mergulho no universo do TEA, aprofundando a discussão para mais perto da realidade das pessoas no transtorno e daquelas que convivem com elas. Toda a pesquisa serviu como base teórica da produção, isso não quer dizer que necessariamente toda a discussão apresentada aqui seja mostrada nos produtos finais. Entretanto, toda a discussão foi necessária para entender o todo e assim poder montar o produto.

3.1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

De acordo com o Guia Prático sobre Autismo, criado pela Associação de Amigos do Autista (AMA) organizado por Ana Maria S. Ros de Mello em 2007, o Autismo, ou Transtorno do Espectro Autista - TEA (nome técnico oficial), é uma síndrome que se caracteriza por desvios qualitativos na **comunicação**, na **interação social** e no **uso da imaginação**. Essa Tríade (proposta por Lorna Wing e Judith Gould em 1979) é responsável por um padrão de comportamento restrito e repetitivo, mas com condições de inteligência que podem variar do retardo mental a níveis acima da média. As manifestações são percebidas desde idade muito precoce, geralmente antes dos 3 anos e podem apresentar diversas formas. O termo “Espectro” é usado justamente para mostrar que existe essa grande variação tanto no grau quanto na maneira que o autismo se manifesta em cada pessoa. Existem diversos níveis de comprometimento para essa condição de saúde, desde pessoas com comorbidades (condições associadas ao transtorno, como deficiência intelectual e epilepsia) até pessoas independentes que levam uma vida comum, muitas vezes sem jamais receberem o diagnóstico (Revista Autismo, 6ª ed, 2019).

Segundo a última nota da OMS publicada em abril de 2017 sobre o assunto, estima-se que, no mundo, uma a cada 160 crianças possuem o transtorno do espectro autista. Entretanto essa estimativa representa apenas um valor médio, levando em conta que a prevalência do transtorno em países de baixa e média renda ainda é desconhecida.

Se comparados os estudos epidemiológicos realizados nos últimos 50 anos, percebe-se um grande aumento na prevalência dos casos, fato que pode ser explicado pelo aumento da conscientização sobre o tema, expansão de critérios de diagnósticos, juntamente com a otimização de ferramentas de diagnóstico e aprimoramento de informações reportadas.

3.1.1 Histórico do Transtorno

O termo “autismo” foi criado pelo psiquiatra Eugen Bleuler em 1908 para descrever um paciente esquizofrênico que se retirasse em seu próprio mundo (Mandal, 2019). A palavra deriva do prefixo grego “autós” que tem o sentido de “si mesmo”, mais o sufixo “ISMOS” que indica ação ou estado.

Em 1943, o Autismo foi descrito pela primeira vez por Kaenner sendo inicialmente denominado Distúrbio Autístico do Contato Afetivo. Kaenner entendia o autismo como

uma condição com características comportamentais bastante específicas, tais como: perturbações das relações afetivas com o meio, solidão autística extrema, inabilidade no uso da linguagem para comunicação, presença de boas potencialidades cognitivas, aspecto físico aparentemente normal, comportamentos ritualísticos, início precoce e incidência predominante no sexo masculino (TAMAHANA, PERISSOTO E CHIARI, 2008, p. 296)

Mais tarde, em 1944, Asperger publicou um artigo denominado Psicopatia Autística, em que definia um distúrbio manifestado pelo “transtorno severo na interação social, uso pedante da fala, desajeitamento motor e incidência apenas no sexo masculino” (TAMAHANA, PERISSINOTO E CHIARI, 2008, p. 296). O autor descreveu alguns casos clínicos, caracterizando a história familiar, aspectos físicos e comportamentais, desempenho nos testes de inteligência, enfatizando ainda a preocupação com a abordagem educacional dos pacientes.

O artigo de Kanner teve rápida absorção pela comunidade científica, enquanto o de Asperger levou muitos anos para ser amplamente lido. Atualmente atribui-se tanto a Kanner quanto a Asperger a identificação do autismo, encontrando também seus estudos associados a distúrbios ligeiramente diferentes.

3.2 MERGULHANDO NO UNIVERSO DO TEA

Neste subcapítulo será aprofundado o conhecimento sobre como os aspectos fazem parte deste universo tão diverso e complexo. As discussões apresentadas aqui fazem parte do “caminho” do Autismo, iniciando no diagnóstico e finalizando na inserção da pessoa com TEA na sociedade por intermédio da legislação, escola e trabalho.

3.2.1 A descoberta de um novo universo – Diagnóstico e Causas

O diagnóstico para o TEA é feito mediante avaliação clínica dos pacientes. É recomendado que essa avaliação seja feita por um profissional com formação em medicina e experiência clínica de vários anos diagnosticando essa síndrome. Também pode haver auxílio de psicólogos, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais na investigação do transtorno.

Para uma correta avaliação, muitos médicos se baseiam no DSM-5 para diagnosticar, que é o mais recente manual diagnóstico da Associação Americana de Psiquiatria. Diferente de versões anteriores, o DSM-5 não adota mais os termos Autismo, Transtorno Global do Desenvolvimento Sem Outra Especificação ou Síndrome de Asperger, o diagnóstico é de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA),

mas acompanhado de um relato do médico se os sintomas que a pessoa apresenta são leves, moderados ou severos e se a pessoa tem deficiência intelectual ou não, se tem deficiência de linguagem ou não, se tem catatonia, se há causas médicas, genéticas ou ambientais conhecidas e se está acompanhado de outros transtornos de desenvolvimento neurológico, mental ou comportamental. (MELLO, 2007, p. 57)

Os Critérios diagnósticos para Transtorno do Espectro do Autismo propostos pelo DSM-V podem ser acompanhados mais detalhadamente no Anexo A deste trabalho, mas incluem: Dificuldades persistentes na comunicação social e na interação social; Comportamentos, interesses e atividades restritos e repetitivos; Sintomas presentes no período inicial do desenvolvimento; Sintomas causam deficiência clinicamente significativa na área social, ocupacional ou outras áreas importantes na vida/funcionamento atual da pessoa; Sintomas não são mais bem explicados por deficiência intelectual (transtorno do desenvolvimento intelectual) ou atraso global do desenvolvimento.

Um diferencial importante que o DSM-V apresenta em relação aos DSM anteriores é uma nova classificação para pessoas que possuem deficiências marcantes na comunicação social, mas cujo outros sintomas não atendem aos critérios do TEA. Esses

indivíduos devem ser avaliados para Transtorno de Comunicação Social, não mais do Espectro Autista.

Também pode ser utilizado para auxílio no diagnóstico o sistema proposto pela Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde, ou CID-10. Entre as manifestações apresentadas por esta classificação estão: Comprometimentos qualitativos na interação social recíproca; Comprometimentos qualitativos na comunicação; Padrões de comportamento, interesses e atividades restritos, repetitivos e estereotipados. As diretrizes diagnósticas para autismo infantil propostas pelo CID-10 estão disponíveis no Anexo B para fins de detalhamento.

Outro instrumento também aplicado é o CHAT (Checklist de Autismo em Bebês) desenvolvido por Baron-Cohen, Allen e Gillberg em 1992. Nos estudos de Baron-Cohen foram identificados três itens chave indicativos de sinais precoces de autismo:

1. Apontar, onde o foco da criança vai direto para o olhar do adulto com a intenção de compartilhar com ele a informação que acabou de descobrir, o que não é o mesmo que pedir ou perguntar,
2. Monitoração do olhar, onde é observado se a criança olha para o objeto que é apontado, não se simplesmente acompanha o dedo ou a mão, mas sim se olha para o que o técnico/pai/mão indica/aponta e
3. O brincar de fazer de conta, que são brincadeiras onde se espera observar que a criança atribua propriedades imaginárias a algo ou alguém. (MELLO, 2007, p. 66)

O CHAT trata-se de uma escala de investigação do autismo aos 18 meses de idade, por meio de questionário composto por 9 itens preenchidos pelos pais e pelo pediatra ou agente de saúde e 5 itens respondidos por meio da observação de visita domiciliar por um agente primário de saúde. Há uma extensão do CHAT desenvolvido pelo Departamento de Psicologia da Universidade de Connecticut por Robin e colaboradores em 2001. Foram desenvolvidas 14 novas perguntas com base na lista de sintomas comumente presentes em crianças com autismo para ser aplicada em crianças com 18 a 24 meses de idade identificando se a criança tem risco para autismo possibilitando uma intervenção precoce. Diferente do CHAT, esta escala não depende da observação da criança pelo médico e deve ser preenchida pelos pais ou cuidadores da criança uma escala simples e que tem tradução validada para o português brasileiro. Essa escala não deve ser usada como diagnóstico. É composta por 23 perguntas do tipo sim/não. O M-CHAT está disponível no Anexo C deste documento. (MELLO, 2007)

As causas para o Autismo ainda são desconhecidas, entretanto acredita-se que “a origem do autismo esteja em anormalidades em alguma parte do cérebro ainda não definida de forma conclusiva e, provavelmente, de origem genética” (MELLO, 2007).

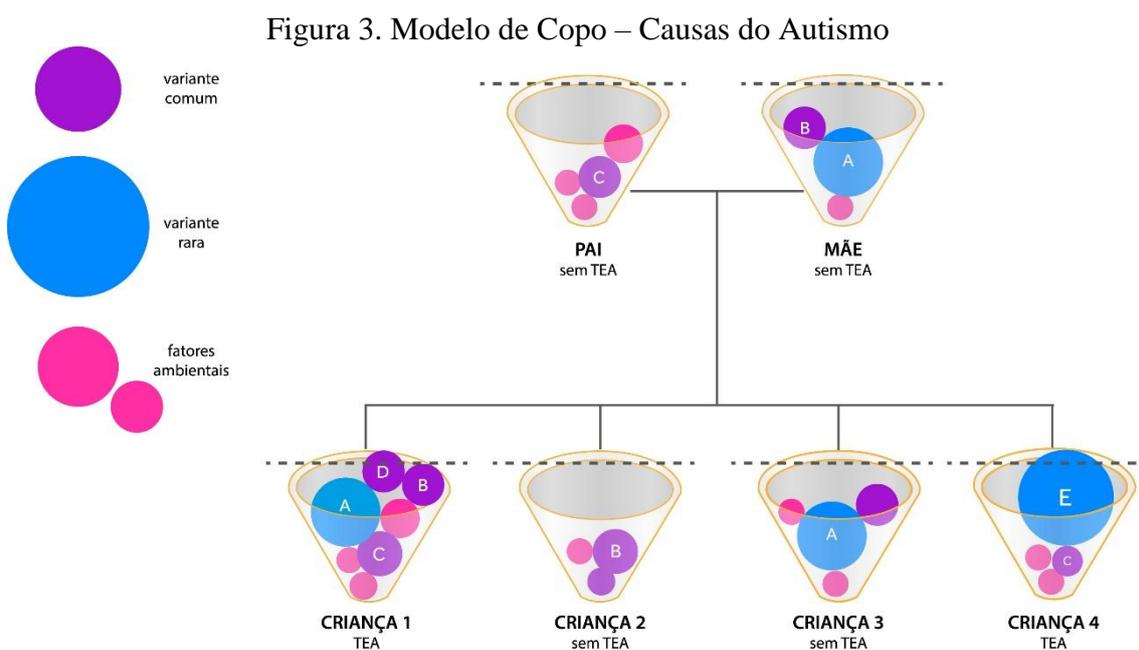
Estudos científicos apresentados por Graciela Pignatari (2019) apontam para a herdabilidade genética em 70-90%. Por intermédio de avanços tecnológicos, o conhecimento e a identificação de genes relacionados à etiologia (estudo das causas de doenças) do TEA puderam evoluir. Alguns estudos já conseguiram relacionar cerca de 1054 genes com o autismo.

Segundo Pignatari (2019),

uma única alteração genética é suficiente para causar o TEA, mas na maioria dos casos não ocorrem apenas devido a alterações em um único gene, pelo contrário, elas envolvem distúrbios moleculares complexos em múltiplos genes importantes para os processos biológicos, como também em genes que controlam, durante o neurodesenvolvimento, a expressão gênica.

É importante ressaltar que muitas variantes genéticas que estão associadas ao TEA também estão relacionadas a outras condições do neurodesenvolvimento, como o Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC) e o Transtorno de Déficit da Atenção com Hiperatividade (TDAH) e algumas condições psiquiátricas como esquizofrenia e depressão, o que torna um grande desafio definir genes associados ao TEA (PIGNATARI, 2019).

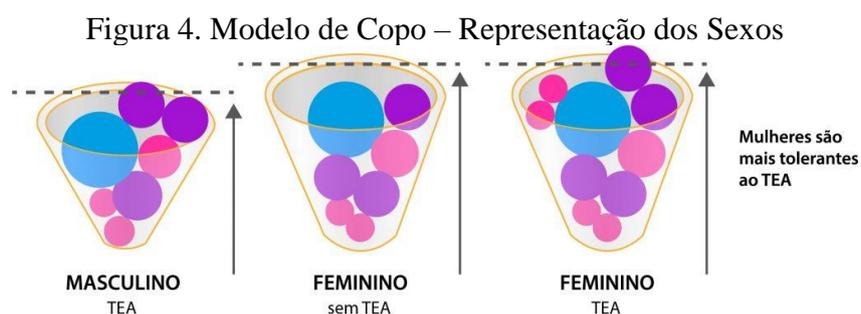
Pignatari nos apresenta o “modelo de copo” para explicar as questões de herança familiar e limiar multifatorial presentes no TEA. Podemos visualizar esse modelo na Figura 3:



Fonte: Pignatari (2019)

O “modelo de copo” apresenta o impacto das variantes genéticas e ambientais com maior ou menor risco associado ao TEA, representando-os por círculos de tamanhos diferentes. A borda do copo representa o limite, sendo que aqueles indivíduos que ultrapassam o limite estão no TEA. (PIGNATARI, 2019)

Este modelo também ajuda a explicar a maior incidência de TEA em indivíduos do sexo masculino. Observe a Figura 4:



Fonte: Pignatari (2019)

Na figura 4, o indivíduo do sexo masculino está sendo representado por um copo de tamanho menor em relação aos do sexo feminino, o que demonstra uma diferença para atingir o limiar de diagnóstico. Isso se deve ao fato de que mulheres com TEA possuem um número maior de variantes genéticas associadas ao transtorno, o que sugere que os indivíduos do sexo feminino sejam mais resistentes a tais mutações, justificando a proporção de 4 meninos para 1 menina no TEA. (PIGNATARI, 2019)

É importante enfatizar que o TEA é uma condição multigênica e multifatorial que combina variantes genéticas raras e comuns, herdadas ou não e que, além disso, admite-se que possa ser causado por problemas relacionados a fatos ocorridos durante a gestação ou no momento do parto, bem como por fatores ambientais, tais como a idade paterna e o uso de ácido valpróico (anticonvulsivantes e estabilizador de humor), que são dois fatores de risco importantes e comprovados.

Tendo isso em vista, entende-se que é possível realizar exames genéticos para auxiliar no diagnóstico, mas que esses não substituem a avaliação clínica pois a presença de alterações genéticas, como debatido acima, não garante um diagnóstico de TEA.

3.2.2 Primeiros passos no Universo do TEA - Adaptação

Após receber o diagnóstico, muitos pais passam por um período de desestabilidade emocional. À essa fase é comum dar o nome de “luto da descoberta”. Isso se deve ao fato de que é natural que, com o nascimento de um novo membro da família, depositem-se expectativas quanto ao desenvolvimento da criança e que, com o diagnóstico, essas expectativas sejam quebradas.

A psicóloga Suzane Löhr, em entrevista para o site Superespectro (2019), diz que no momento do diagnóstico, os familiares se deparam com a frustração dos sonhos tecidos para os filhos e que muitas das justificativas que eles encontravam para os comportamentos indicativos de TEA que os filhos manifestavam não atendem mais ao que a realidade lhes apresenta, precisando, assim, lidar com o fato de que seus filhos possuem TEA.

Löhr (SUPERESPECTRO, 2019) afirma que é

necessária essa perda de idealização da criança para haver uma abertura de espaço para a construção de uma relação real com a criança, apoiada em suas potencialidades e limites, viabilizando a descoberta de novos caminhos na interação.

Para isso, é essencial a tomada de alguns passos que Mello (2007) nos apresenta em seu guia prático sobre autismo:

A) Primeiro passo: informar-se ao máximo. A autora afirma que buscar entender o diagnóstico é fundamental: tirar dúvidas com o médico, procurar materiais de apoio na internet, conversar com outras famílias que tenham passado por situação semelhante, assim como buscar instituições que se dediquem ao autismo. Esse é o passo inicial para começar a entender melhor o TEA para, assim, auxiliar no desenvolvimento da criança.

B) Segundo passo: permitir-se sofrer. Cada pessoa tem seu tempo e seu modo para lidar com seus sentimentos, especialmente quando se está na fase de “luto”. É preciso compreender e respeitar isso. Mas é imprescindível os pais entenderem que, como declara Mello (2007, p. 32), “o autismo é para sempre, mas não é uma sentença de morte” e que os pais não são os responsáveis pela condição de seu filho, mas são atores fundamentais para melhorar as perspectivas de vida do mesmo, portanto é necessário agir.

C) Terceiro passo: administração do tempo. Nesse passo, a autora ressalta a importância da organização da vida dos pais para auxiliar a criança. Procurar centros de tratamentos especializados pode ser uma solução para otimizar o tempo, considerando que, nesses locais, estão presentes profissionais capacitados para suprir todas as

necessidades da criança. Contudo, não se pode tirar a responsabilidade dos pais de entender com profundidade as propostas da opção terapêutica e educacional escolhida e acompanhar de perto a evolução de seu filho.

D) Quarto passo: saber exatamente quais são os objetivos de curto prazo da criança. É por meio deles que os pais irão poder avaliar qual instituição melhor atende ao que se espera (Mello, 2007).

A autora traz ainda como um quinto passo algumas coisas a se evitar, são elas: propostas de “curas milagrosas”, profissionais desinformados ou desatualizados e atribuição da culpa do autismo aos pais.

O Doutor Clay Brites (2019), em seu site Entendendo Autismo, também apresenta algumas medidas a serem tomadas após o diagnóstico, são elas:

A) Seguir as orientações dos especialistas: o transtorno do espectro autista demanda de um acompanhamento multiprofissional que deve ser orientado por especialistas de diversas áreas, como neuropediatras, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, psicopedagogos, entre outros. É fundamental que os pais sigam as recomendações da equipe para melhor atender a criança no espectro.

B) Adaptar o ambiente à criança: o espaço deve se adequar à criança e não o contrário. É preciso identificar o que pode causar irritação (devido a hipersensibilidade das pessoas no espectro) e ajustar o que for necessário. Por exemplo, a criança pode ter sensibilidade a sons, nesse caso o adequado seria que os locais em que a criança mais passa seu tempo, como seu quarto, serem mais afastados de ruídos.

C) Proporcionar à criança condições de uma vida normal: o fato de uma pessoa estar no espectro não a impede de viver normalmente. É importante inseri-la em atividades sociais, tarefas escolares e práticas relacionadas. As intervenções são grandes aliadas nesse processo, pois auxiliam no desenvolvimento das habilidades sociais. É preciso levar em consideração, no entanto, que algumas habilidades podem ficar comprometidas no caso de autismo severo. Porém, mesmo que não se consiga conquistar a independência, as terapias proporcionam melhores condições de vida.

D) Estabelecer um intercâmbio entre casa-escola: é de extrema importância que os pais mantenham contato com a escola. Estar por dentro do desenvolvimento dos filhos bem como receber relatórios dos educadores são hábitos que auxiliam na proposição de intervenções que visam o progresso da criança.

3.2.3 Na constelação das Intervenções – Tipos de tratamento

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição que afeta determinadas habilidades comportamentais e funcionais dos indivíduos, sendo responsável por uma preocupação na busca de intervenções que visem trabalhar esses déficits ocasionados por ele, como afirma Brites (2019). Portanto, é essencial conhecer os tipos de tratamentos existentes, afim de encontrar o que melhor irá auxiliar a pessoa com TEA, providenciando ações preventivas diante dos sintomas desse transtorno. Neste trabalho iremos abordar as principais intervenções, mas vale ressaltar que as possibilidades são bem mais abrangentes.

Uma das intervenções mais conhecidas é o *Treatment and Education of Autistic and related Communication handicapped CHildren* (TEACCH) ou, em português, tratamento e educação para crianças com autismo e com distúrbios correlatos da comunicação. O método foi desenvolvido na década de 60 pelo Dr. Eric Schoppler no Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos e atualmente é utilizado em várias partes do mundo. Segundo Mello (2007, p. 36), o TEACCH “utiliza uma avaliação chamada PEP-R (Perfil Psicoeducacional Revisado) para avaliar a criança, levando em conta os seus pontos fortes e suas maiores dificuldades, tornando possível um programa individualizado.”

O TEACCH tem como base a organização de espaços físicos por meio de rotinas e sistemas de trabalho, adaptando o ambiente para a pessoa com TEA melhor compreender o que se espera dela, estimulando assim sua autonomia (MELLO, 2007). Nesse método, o professor instiga o aluno à atividades gerais adaptadas de acordo com o ambiente e recursos disponíveis, mas possibilita que ele ocupe grande parte do seu tempo de forma independente.

Outra intervenção muito utilizada é o *Applied Behavior Analysis* (ABA) ou, em tradução livre, análise aplicada do comportamento. O ABA tem como objetivo ensinar à criança habilidades que ela não possui, mediante a introdução destas por etapas. Como nos mostra Mello (2007, p. 37),

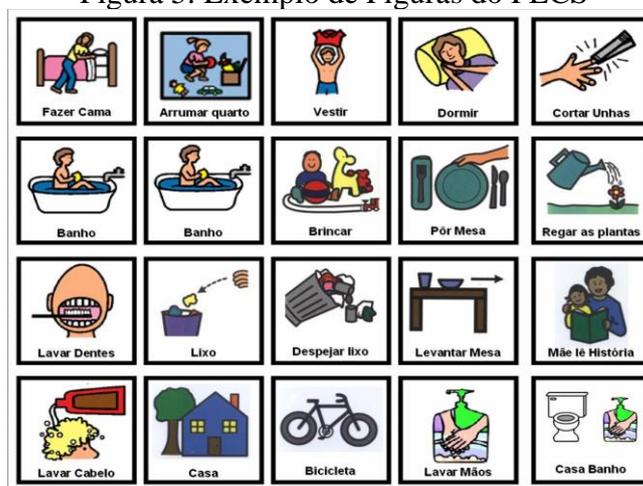
cada habilidade é ensinada, em geral, em esquema individual, inicialmente apresentando-a associada a uma indicação ou instrução. Quando necessário, é oferecido algum apoio (como por exemplo, apoio físico), que deverá ser retirado tão logo seja possível, para não tornar a criança dependente dele. A resposta adequada da criança tem como consequência a ocorrência de algo agradável para ela, o que na prática é uma recompensa. Quando a recompensa é utilizada de forma consistente, a criança tende a repetir a mesma resposta.

A autora ressalta ainda a importância de o aprendizado ser agradável para a criança e de fazer com que ela identifique os diferentes estímulos. Além disso, é essencial que se avalie as respostas da mesma para os métodos utilizados no ABA, afim de detectar o que acaba funcionando como reforço para os comportamentos negativos. Nesse tipo de abordagem, a repetição faz toda a diferença, pois é preciso manter um registro de tentativas e resultados para assim avaliar com profundidade cada caso.

Além destes, outro método amplamente usado é o *Picture Exchange Communication System* (PECS), ou sistema de comunicação por meio de troca de figuras como é chamado aqui no Brasil. Segundo Soraia Vieira (2019), em um artigo no site da revista Autismo, o método foi desenvolvido há 33 anos nos Estados Unidos por Andy Bondy e Lori Frost. Essa intervenção, como nos apresenta Mello (2007), foi criada pra auxiliar pessoas diagnosticadas com TEA e com outros distúrbios de desenvolvimento a adquirir habilidades de comunicação. O sistema é “utilizado primeiramente com indivíduos que não se comunicam ou que possuem comunicação mas a utilizam com baixa eficiência.” (MELLO, 2007, p. 39).

O PECS tem como objetivo estimular o paciente a se comunicar, fazendo-o perceber que por meio da comunicação ele pode conseguir as coisas que deseja muito mais rapidamente. Um dos benefícios do PECS é que ele não demanda de materiais complexos ou caros, é relativamente fácil de aprender e pode ser aplicado em qualquer lugar. Na figura 3 podemos ver um exemplo de figuras utilizado no PECS, é válido pontuar que as figuras devem ser criadas de acordo com itens e atividades que ao longo do dia o aluno goste ou precise, como ressalta Vieira (2019).

Figura 5. Exemplo de Figuras do PECS



Fonte: Revista Autismo (2019)

É importante ressaltar que existem vários outros tipos de tratamentos, como tratamentos psicoterapêuticos, fonoaudiológicos, equoterapia, musicoterapia entre outros, como nos lembra Mello (2007), mas “que não têm uma linha formal que os caracterize no tratamento do autismo, e que por outro lado dependem diretamente da visão, dos objetivos e do bom senso de cada profissional que os aplica”. Frisa-se aqui a importância dos pais e profissionais terem claro quais as expectativas para o tratamento, para assim avaliarem se ele será o mais adequado para a pessoa com TEA.

Um ponto que se discute muito é o uso de medicação. Nesse campo deve-se ter em mente alguns lembretes, destacados por Mello (2007): a medicação deve ser dada apenas quando prescrita por um médico e é preciso ter conhecimento prévio de o que se espera dela, qual o prazo para perceber seus efeitos e quais os efeitos colaterais da mesma, sempre pautando pela presença de um profissional gabaritado nessa decisão. É essencial que se avaliem os riscos e benefícios da medicação. Mello (2007) resalta ainda que “uma boa regra é a de que uma medicação, para valer a pena, deve ter efeitos claramente visíveis. Se o efeito da medicação não for visivelmente o esperado, não vale a pena correr os riscos”.

Muito se debate também sobre o uso do canabidiol, princípio ativo da *Cannabis sativa*, no tratamento para o autismo. Esse princípio já vem sendo usado para tratamentos de epilepsia, Parkinson e Alzheimer, como o Dr. Thiago Gusmão esclarece em entrevista para o canal no youtube da psicóloga Mayra Gaiato (2019). O doutor resalta que devem ser extraídas as propriedades tóxicas da planta (como o Tetra Hidro Canabidiol – THC) antes de ser feito o uso, por isso a importância dessa extração ser feita por laboratórios confiáveis.

Gusmão (GAIATO, 2019) salienta que o canabidiol só deve ser prescrito em casos mais refratários de distúrbio de comportamento, que seriam casos mais graves em que os fármacos não são suficientes e que o paciente tem muita agitação, distúrbio do sono, alta agressividade por exemplo. O doutor ainda enfatiza que existem muitos estudos a serem feitos e concluídos sobre a utilização da propriedade, principalmente no que se refere ao uso de longo prazo e seus efeitos.

3.2.4 Um universo pelo telescópio – Representação do TEA na mídia

Como nos apresenta Lucelmo Lacerda (2017), a representação social do autismo, considerando a mídia como principal mobilizadora, tem se tornado um objeto de crescente

interesse, haja vista que a condição apresenta uma proporção cada vez maior na sociedade. Essa representação, segundo o autor, “está diretamente ligada à construção da identidade pública e social de um considerável contingente de crianças e adultos e com repercussão em suas famílias e círculos sociais” (LUCERDA, 2017, p.14).

Lucerda (2017) faz uma análise de três séries estadunidenses que possuem algum personagem diagnosticado com TEA. Como propósito desse trabalho ele busca analisar a constituição dos personagens a ponto de conceber a significação que se apresenta ao espectador dessas séries. O autor utiliza de Goffman (1988 apud LUCERDA 2017) para conceituar a Identidade Social Virtual, que seria o imaginário que ampara a nossa expectativa de interação com outra pessoa, e com o qual, eventualmente, iremos aprender sua a Identidade Social Real, que pode ser distante da anterior, “dependendo do processo de construção das representações do sujeito e/ou dos grupos com os quais é identificado” (LUCERDA, 2017, p.15).

O autor também traz a conceituação de Glat (1995 apud Lucerda 2017) no que diz respeito a quanto mais deformada for a representação inicial, quanto mais estigmatizada for essa visão inicial, menor são as chances de um autêntico contexto de inclusão. Lucerda (2017) afirma que a inclusão, como condição concreta de comunicação, depende de um cenário subjetivo que lhe oferece o contexto necessário para sua realização. É nesse cenário que os meios de comunicação possuem o papel central, sendo responsáveis por criar as simbologias fundamentais para a significação dos sujeitos.

Lucerda (2017) discute a questão de que toda montagem é ideológica na medida em que possui uma representação intencional, editada conforme as crenças de seu diretor. Reforça que “todo produto audiovisual, em sua conformação final é uma forma particular, partidária, pelo simples motivo de excluir outras formas possíveis” (LUCERDA, 2017, p.18). Assim o autor demonstra que, a partir das condições de produção expostas, o autismo acaba sendo tratado como “mito”. Mito esse, utilizando Barthes (apud LUCERDA, 2017) para conceituar, entendido como uma deformação da realidade.

Não é que o autista representado nestas séries não seja aquele que corresponda à nossa percepção no acesso material aos sujeitos nesta condição, “é que o mito é uma fala *roubada e restituída* [grifos do original]” (BARTHES, 2003, p. 217) e ao voltar, esta fala não é repostada em seu lugar exato e este momento furtivo de falsificação propõe (impõe) uma versão mítica do objeto. (LUCERDA, 2017, p. 19)

Com isso, os autistas representados perdem suas particularidades (como discutimos nos subcapítulos anteriores) e se aproximam a um tipo “ideal” de autista. Além

disso, uma das características que as produções midiáticas envolvendo pessoas com autismo possuem é o mecanismo de compensação. No sentido de que são agregados ao sujeito elementos extraordinários, visto que, como observado por Suplino (2010) em produções do cinema,

A pessoa com deficiência não pode ser apenas uma pessoa com deficiência (carga negativa), para que seja aceitável sua participação no grupo precisa apresentar um algo mais, que pode ser expresso em habilidades acima da norma (carga positiva), alcançando o equilíbrio em suas propensões de participação social. (SUPLINO, 2010, p. 70)

Essas são as principais representações do autismo que encontramos na mídia atualmente. Para fins de curiosidade, as séries analisadas por Lucerda (2017) são: *Parenthood*, *The Bridge*, *Alphas* e *Touch*.

Algumas outras produções sobre o tema também podem ser citadas para análises futuras, são elas: os filmes *Temple Grandin*, *Farol das Orcas*, *Rain Main*, *Tudo que eu quero*, *Aprendiz de Sonhador*, *Sei que vou te amar*, *Um certo Olhar*, *Adam*, *Código para o Inferno*, *O garoto que podia voar*, *Uma lição de amor*, *Meu nome é Radio*, a animação *Mary e Max* e a série *Atypical*.

3.2.5 Legislação, Escola e Trabalho

Como Silva, Gaiato e Reveles (2012) afirmam, o autismo possui características peculiares que requerem uma política séria e específica para esse transtorno. Mas foi somente em 2012, a partir da Lei 12.764¹ (Lei Berenice Piana), de 27 de dezembro de 2012 que a pessoa diagnosticada com TEA foi reconhecida como pessoa com deficiência para todos os fins legais. Antes disso, as pessoas com autismo eram amparadas pelos mesmos princípios da Constituição Federal de 1988 como qualquer outra pessoa.

É válido ressaltar, como nos mostra Silva, Gaiato e Reveles (2012), que esses direitos da constituição são mantidos, assim como outros direitos, como os previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), durante a infância, e, após os 60 anos, os direitos do Estatuto do Idoso.

Além destes, a Organização dos Advogados do Brasil do Distrito Federal (OABDF), em sua cartilha dos direitos da pessoa com autismo, reitera que as

¹ A Lei 12.764 pode ser conferida no Anexo D

Constituições Estaduais, Tratados e Convenções Internacionais, leis federais, estaduais, distritais e municipais e outros diplomas normativos garantem mais alguns direitos à pessoa com deficiência.

Com a Lei Berenice Piana, foram assegurados diversos direitos à pessoa com autismo, como direitos ao acesso aos serviços de saúde, à educação e ao ensino profissionalizante, como mostra a OABDF (2015). A lei também institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista .

Também, acordo com a Lei, a pessoa com pode requerer o Benefício de Prestação Continuada previsto pelo art. 20 da Lei 8.742, de 7 de dezembro de 1993, que consiste no valor mensal de um salário mínimo, desde que seja comprovada uma renda per capita familiar inferior a ¼ do salário mínimo e feita a avaliação da deficiência e do grau de impedimento pelo médico e a avaliação social realizadas por médicos peritos e por assistentes sociais do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS).

Os direitos ao acesso de ações e serviços de saúde incluem: “o diagnóstico precoce (..); o atendimento multiprofissional; a nutrição adequada e terapia nutricional; os medicamentos; e informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento” (OABDF, 2015, p. 24).

A organização também evidencia que, assim como qualquer cidadão, a pessoa com autismo tem direito à educação pública e gratuita assegurada por lei. Essa educação se dará preferencialmente na rede regular de ensino, mas também pode se dar nas escolas especiais, conforme suas necessidades. Conforme a OABDF (2015, p. 23), a Lei Berenice Piana

garante um sistema educacional inclusivo em todos os níveis de ensino; a formação inicial e continuada dos profissionais da educação para que possam desenvolver atividades com vistas à inclusão do educando com TEA nos espaços escolares e relações sociais; estímulo à comunicação, inclusive alternativa; seu direito à matrícula no ensino regular, com garantia de atendimento educacional especializado; e a possibilidade de profissional de apoio, disponibilizado pelo sistema de ensino, para aqueles que tiverem necessidade desse tipo de acompanhamento.

No que tange à educação profissional, segundo a organização, o acesso da pessoa com deficiência à educação especial para o trabalho que lhe proporcione integração efetiva na vida em sociedade está assegurado pela Lei Federal 9.394/9633 e pelo Decreto nº 3.298/9934. Assim como em relação à educação superior, a legislação garante que, como qualquer cidadão, essas pessoas tenham o acesso, tanto em instituições públicas quanto privadas, independente da modalidade.

Em relação ao trabalho, conforme o apresentado pela OABDF (2015), a Constituição Federal proíbe qualquer discriminação no que diz respeito a salário e critérios de admissão do trabalhador com deficiência. Além disso, a Lei Federal 8.112/90 reserva um percentual (de até 20% das vagas) dos cargos e empregos públicos para as pessoas com deficiência e define os critérios para sua admissão. Paralelo a isso,

a Lei Federal nº 8.213/9139 prevê que qualquer empresa com 100 (cem) ou mais empregados está obrigada a preencher de 2% (dois por cento) a 5% (cinco por cento) dos seus cargos com beneficiários reabilitados ou pessoas com deficiência, habilitadas. (OABDF, 2015, p. 33)

A inclusão da pessoa com autismo no mercado de trabalho é um passo muito importante neste universo. Como Silva, Gaiato e Reveles (2012, p.113) destacam “inseri-la no mercado de trabalho pode trazer um grande avanço em sua independência e socialização, melhorando a autoestima e o desenvolvimento pessoal”.

Outro aspecto importante e que foi conquistado recentemente é a inserção de dados sobre autismo nos censos demográficos. Essa decisão do Senado faz com que, mediante a coleta de informações confiáveis sobre as condições e demandas das pessoas com autismo, seja possível aperfeiçoar as políticas públicas voltadas para a implementação dos direitos das pessoas com deficiência. (SENADO, 2019)

4 PROJETANDO A MISSÃO

Todo documentário parte de uma proposta inicial, como mostra Sérgio Puccini (2009). Essa proposta visa apresentar de forma sucinta o documentário para possíveis financiadores. O presente trabalho passou por duas propostas, sendo a primeira um esboço inicial e a segunda a que chegou mais próxima da execução final. Tais propostas não tinham como finalidade alcançar potenciais financiadores, mas sim guiar a produção e conseguir visualizá-la melhor.

4.1 ESBOÇOS DE UMA POSSÍVEL MISSÃO

Título do projeto: No Espectro- Série Documental sobre Autismo

Diretora / Produtora Executiva: Keithy Xavier de Oliveira

Declaração inicial: A série documentária “No Espectro” busca apresentar o Transtorno do Espectro Autista de uma forma educativa. Por meio de 6 episódios, a produção irá abordar as diversas fases que uma pessoa diagnosticada no espectro e sua família passam na caminhada pelo transtorno. A narrativa se dá a partir de depoimentos de profissionais especialistas na área e de autistas e seus familiares, bem como será feito o uso de algumas técnicas explicativas, como *motion graphics*, para melhor elucidar o assunto.

Apresentação: O Transtorno do Espectro Autista é uma síndrome que provoca desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação dos sujeitos que a possuem. Por mais que os comportamentos de uma pessoa com TEA sejam restritivos e repetitivos, essa síndrome pode se manifestar de formas diferentes de caso para caso. Aí se dá a importância da discussão do tema. Estima-se no mundo que uma a cada 160 crianças possuem Autismo e a perspectiva é que essa proporção se torne cada vez maior. Entender a causa do autismo torna-se assim uma questão de saúde pública. (Não nos estenderemos em maiores discussões aqui pois já foi apresentado no capítulo anterior mais informações sobre o tema.)

Personagens: O documentário contará com três tipos de personagens: profissionais especialistas no assunto, pessoas diagnosticadas no espectro e suas famílias. Segue a relação de possíveis entrevistados com suas devidas funções:

A) Cláudio Cechella, médico formado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), especialista em neurologia infantil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio

de Janeiro (PUC-Rio), com mestrado em Concentração Neurologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Cláudio atua como professor na UFSM e discute questões como Autismo em suas aulas para a graduação.

B) Ana Paula Ramos de Souza, fonoaudióloga formada pela UFSM, com doutorado em Linguística e Letras pela PUC Rio Grande do Sul, atua como professora na UFSM no departamento de Fonoaudiologia, estudando os distúrbios da comunicação humana, entre eles o Autismo.

C) Mayra Gaiato, psicóloga, especializada em Infant Parent Mental Health na University of Massachussets. Atualmente uma das maiores referências em Autismo no Brasil com três livros publicados sobre o tema. Possui o maior canal do Youtube sobre esse assunto em língua portuguesa.

D) Pâmela Lima, terapeuta ocupacional formada pela UFSM, certificada em Integração Sensorial. Pós Graduanda em problemas do desenvolvimento infantil e na adolescência - Abordagem Interdisciplinar pelo Centro Lydia Coriat. Possui experiência na área de reabilitação física e mental e também na área social.

E) Marcos Petry, autista, escritor com dois livros publicados e mais dois em vias de publicação, músico, palestrante e produtor de conteúdo no canal “Diário de um Autista”, onde fala sobre diversas questões que o espectro abarca, tirando dúvidas do público de maneira simplificada e didática.

Abordagem: Serão produzidos seis episódios em que os personagens estarão em situação de entrevista, imagens de arquivo e, em alguns casos específicos como a filmagem de rotinas e tratamentos, serão filmados eventos autônomos. O documentário será do tipo expositivo, mas apresentará também algumas características do modo poético. O ponto de vista a ser abordado nessas produções é a humanização do autismo. Com um caráter mais educativo, a série documental visa quebrar estereótipos e sensibilizar o público sobre a causa.

Público alvo: O público alvo desta produção é bastante abrangente. Pensando que o objetivo principal é utilizar a produção como forma de publicidade social e, como discutido anteriormente, esse tipo de publicidade tem como característica a sensibilização da população acerca de determinadas causas, pretende-se alcançar o maior número de pessoas possíveis com a produção. Entendemos, é claro, que, num primeiro momento, o público será composto por pessoas que já possuem curiosidade sobre o tema, sendo estes, geralmente, aqueles que possuem alguma ligação com pessoas no espectro, mas pretende-se, com a produção, despertar essa curiosidade em quem antes não a possuía.

Estrutura: Para melhor entender a estrutura, criou-se um argumento para cada episódio da série:

A) Episódio piloto- Explicando o Autismo (duração 2 - 4 minutos): Apresentação do Autismo, episódio mais voltado para a estética, fazendo o uso de aspectos da produção documentária poética para transmitir sensações. Durante o episódio serão mostradas imagens de crianças e adultos com o transtorno do espectro autista em seus cotidianos. Durante o episódio iremos apresentar o Marcos Petry, um homem adulto diagnosticado com autismo leve, nessa apresentação será focado em todos os aspectos da vida do Marcos, tudo que ele gosta de fazer (tocar vários instrumentos, ler bastante, falar outros idiomas) e por último trazer a informação de que ele tem autismo.

B) Episódio 2- Diagnóstico (duração 5 minutos): Abordagens sobre o Diagnóstico do transtorno, explicando mais detalhadamente o autismo, desde principais sintomas, como descobrir se uma pessoa tem e quem procurar. Contará com as entrevistas de profissionais, neste caso especificamente a entrevista de um neuropediatra, contando também com biólogas que explicarão as questões genéticas envolvidas e de uma psicóloga.

C) Episódio 3- Adaptação (duração 4 minutos): Retratar a realidade das famílias no convívio com o autista. Acompanharemos algumas famílias em suas casas e em consultas com a terapeuta ocupacional. Contaremos com depoimentos dos pais e de profissionais, especificamente, nesse episódio, da psicóloga e da terapeuta ocupacional.

D) Episódio 4- Tipos de Tratamentos (duração 4 minutos): Contando com a presença da terapeuta ocupacional, a fonoaudióloga, a psicóloga e o médico falando sobre os métodos de tratamento para tornar o autista mais produtivo. Abordaremos as principais intervenções (como o método ABA, o TEACH), o uso de medicamentos e de substâncias como o cannabidiol por meio de entrevistas com profissionais gabaritados no assunto, dando credibilidade e responsabilidade no tratamento com o tema.

E) Episódio 5- Como as pessoas veem o autista (duração 4 minutos): Episódio com uma estética diferente dos demais, contando basicamente com imagens de arquivos de séries, filmes e reportagens que retratam o assunto. Contará com o depoimento dos entrevistados sobre a avaliação deles para essas produções. A questão aqui é descobrir se a representação do autismo está sendo válida ou está apenas reforçando estereótipos negativos.

F) Episódio 6: Legislação, Escola & Trabalho (duração 5 minutos): Para finalizar, será apresentado o que a legislação diz sobre o Autismo, os direitos

conquistados, as cotas, a importância da escola e das oportunidades de trabalho. Esse episódio é essencial para mostrar a inserção do autista na sociedade e por isso ele é o episódio final. Pretende-se mostrar tudo que já foi conquistado e reforçar a importância da luta contínua pelos direitos. O episódio contará com depoimentos de profissionais da área da educação e de institutos específicos que atendem pessoas com TEA. Também é um objetivo desse episódio mostrar algumas empresas que valorizam o autista na hora da geração de empregos, para isso será apresentada Specialisterne, empresa que aproveita as qualidades das pessoas com TEA como diferencial no mercado de trabalho.

Equipe: Para um trabalho como este, entende-se que se fazem necessárias na equipe pessoas para exercerem as tarefas de produção, direção de fotografia, direção dos personagens, direção de arte, filmagem, captação de áudio e edição (montagem e efeitos visuais). Entretanto, para este trabalho, essas funções ficaram a cargo de uma única pessoa, tendo em vista o caráter experimental da produção e algumas questões que serão abordadas em seguida no capítulo de execução do projeto.

Equipamentos: Serão utilizadas nas gravações: uma câmera Sony A6400, uma lente Sigma 16 mm f1.4, uma lente Sony 50mm f1.8, um tripé Greika WT 3710, um microfone lapela Boya BY-M1, dois cartões de memória Sandisk Extreme PRO 170 MB/s. A edição será feita em um notebook Avell G1511 FOX / A51.

Cronograma geral:

Quadro 1. Cronograma geral

QUANDO	O QUE
Janeiro-Março/2019	Fase de Pesquisa
Abril/2019	Busca dos personagens
Maio/2019	Contato com os personagens
Junho- Julho/2019	Pré-entrevistas com os personagens
Agosto-Outubro/2019:	Gravações
Novembro/2019:	Edição

Fonte: Própria autora (2019)

4.2 O PROJETO DA EXPEDIÇÃO

Conforme dito anteriormente, o projeto passou por algumas mudanças durante o seu decorrer, aqui apresentaremos um panorama das principais: Título, Personagens e adequações de argumentos dos episódios.

Considerando que o transtorno está dentro de um espectro, e que este espectro abrange uma infinidade de aspectos, optou-se por usar a temática “universo” substituindo, assim, o título da série documental para “Universo particular: Uma jornada pelo autismo”. A palavra “particular” surge como ligação a questão de que a pessoa com transtorno do espectro autista é mais voltada para o *auto*, para si, mesclando também com o outro sentido da palavra particular, que se refere a algo que não é comum, e de fato este universo não é comum.

Alguns personagens foram substituídos devidos a problemas durante o contato ou adicionados em virtude de melhor adequação e oportunidades que apareceram durante o percurso de pré-produção. Não fazem mais parte da produção o Dr. Cláudio Cechella, a fonoaudióloga Ana Paula Ramos de Souza e a psicóloga Mayra Gaiato. Foram adicionados:

A) Carlos Gadia, neuropediatra, diretor do site Autismo e Realidade e diretor-médico do Miami Children's Hospital, um dos principais centros de referência em autismo nos Estados Unidos.

B) Franciele Michelon, fonoaudióloga e especialista em Neurociências aplicada à Linguagem e à Aprendizagem. Experiência em intervenção e tratamento do transtorno do Processamento Auditivo Central da Audição na Criança.

C) Francisco Paiva Junior, jornalista, co-fundador e editor-chefe da Revista Autismo - única revista da América Latina — e a única no mundo em língua portuguesa sobre este tema. Pai Giovanni, diagnosticado com autismo.

D) Raquel Ely, co-fundadora e presidente do UniTEA, educadora e especialista em neurociências aplicadas à Linguagem e à Aprendizagem, e consultora em processos de aprendizagem. Mãe da Sophia Carolina, diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista nos EUA. Fez treinamento multidisciplinar para Intervenção Domiciliar do Programa de Intervenção Precoce Governo Federal Americano e intervenção de terapeutas da Clínica do Autismo da Universidade de Birmingham. Também participou de imersão na Montessori Academy.

E) Graciela Pignatari, bióloga com Mestrado e Doutorado em Biologia Molecular. Atuação profissional em laboratório de pesquisa nas áreas de Biologia Celular e Molecular, Células-Tronco, Terapia Celular e Modelagem de Doenças. Co-fundadora, responsável técnica e diretora executiva da TISMOO, uma startup de biotecnologia voltada exclusivamente para o Transtorno do Espectro do Autismo e outros transtornos neurológicos de origem genética que apresentam comportamento do TEA.

F) Patricia Cristina Baleeiro Beltrão Braga, bióloga, com mestrado em Virologia e doutorado em Biologia Molecular, Atualmente é Professora Associada do Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo, lecionando Embriologia, Genética e Microbiologia. Como linha de pesquisa atua investigando os mecanismos de doenças genéticas e infecciosas que afetam o SNC, utilizando a modelagem de doenças a partir de células iPSC humanas, tendo como principais alvos o Autismo e a Síndrome Congênita causada pelo Zika vírus. Responsável pelo "Projeto A Fada do Dente", iniciativa brasileira que utiliza as células-tronco dos dentes de leite de crianças autistas para estudar os mecanismos envolvidos no Autismo.

G) Marcelo Vitoriano, diretor geral da Specialisterne, psicólogo, especialista em Terapia Comportamental Cognitiva em Saúde Mental.

H) Orlando e Arlete Petry, pais de Marcos Petry, acompanham o jovem em suas palestras e empresariam sua carreira.

Houve também uma adequação no argumento do episódio piloto. Como transformamos todo o documentário para uma temática de universo, precisávamos de um primeiro episódio que conseguisse materializar essa ideia. Ficando, então, do seguinte modo o argumento:

Episódio Piloto- Embarcando na Jornada: O episódio iniciará com imagem de arquivo de um foguete sendo lançado para o universo. Haverá uma locução do narrador mostrando dados que apontam as proporções do transtorno enquanto são mostradas imagens de universo e de crianças com autismo. Durante o episódio serão mostrados trechos das entrevistas com os personagens em que eles explicam o que é o autismo.

Os outros episódios permanecem com a mesma ideia do argumento inicial, mudando somente o título do episódio, na tabela abaixo podemos ver essa adequação de nomenclatura:

Quadro 2. Comparação de Títulos

COMO ERA	COMO FICOU
Diagnóstico	A descoberta de um novo universo
Adaptação	Primeiros passos no Universo do TEA
Tratamentos	Na constelação das Intervenções
Como as pessoas veem o autista	Um universo pelo telescópio
Legislação, Escola & Trabalho	Direitos no universo

Fonte: Própria autora (2019)

Foi criada também uma sinopse da série que ajudara em uma futura divulgação dos produtos:

A jornada pelo universo do Transtorno do Espectro Autista retratada em uma série documental com 6 episódios, abordando de maneira sensível as principais fases que a pessoa no espectro e sua família passam desde o diagnóstico até a inserção na sociedade, contando com seus depoimentos e de profissionais no tratamento do tema.

5 MISSÃO UNIVERSO PARTICULAR – UMA JORNADA PELO AUTISMO

Nesse capítulo, será relatado como foi a execução do projeto. No capítulo 2 foram apresentadas as etapas do documentário como pré-produção, gravação e pós-produção. Porém nesse relatório a apresentação será dividida em tópicos que marcaram a execução da produção de alguma forma, visando torná-lo mais didático. Por esta razão também, foi acrescentado o tópico “problemas” a fim de servir de alerta para produções futuras que possam se basear nele. Os tópicos dessa divisão são:

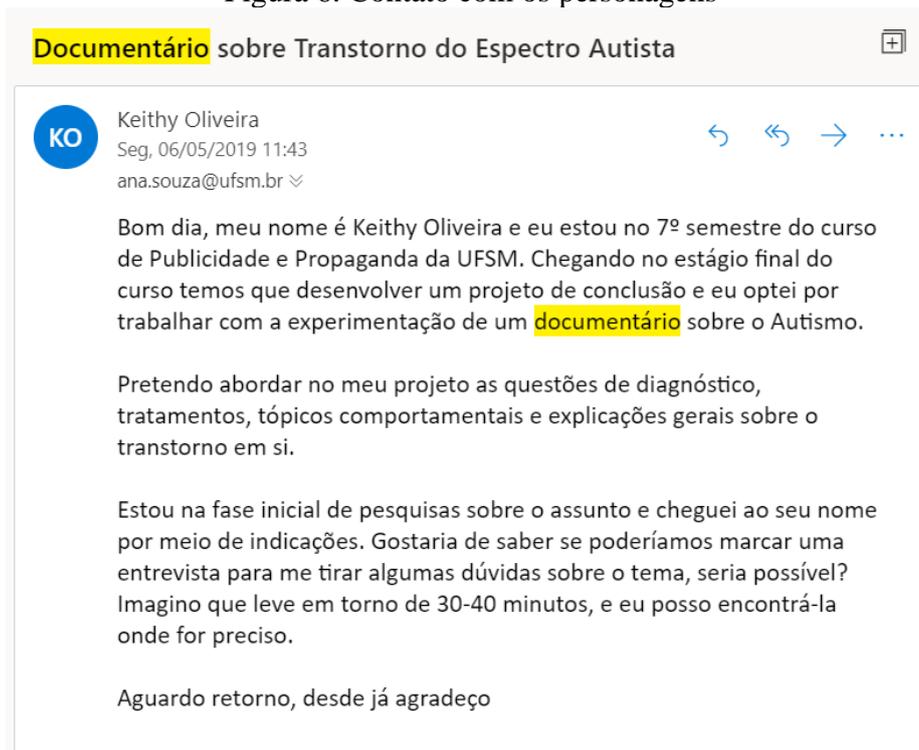
1. Escolha dos personagens;
2. Escolhas técnicas;
3. Gravações;
4. Problemas;
5. Montagem

5.1 ESCOLHA DOS PERSONAGENS

A fase de escolha dos personagens foi, com toda certeza, a mais complexa de toda a produção. A pesquisa pelos primeiros personagens começou no mês de março e se estendeu até o final do primeiro semestre letivo do ano. Logo de início surgiram nomes por intermédio de indicações de amigos, mas que não se relacionavam de maneira adequada com o projeto.

Somente após buscar por contatos por meio de conhecidos do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) foi que apareceram os primeiros nomes de neuropediatra, fonoaudióloga e terapeuta ocupacional para o pré-projeto (apresentados no capítulo anterior). Em maio, foi realizado o primeiro contato com os personagens pelo e-mail, com a seguinte mensagem para os destinatários:

Figura 6. Contato com os personagens



Fonte: Própria autora (2019)

Acredita-se ser interessante mostrar como foi feito esse contato para que futuros trabalhos possam ter um exemplo para se basear. Nessa primeira conversa, os personagens foram convidadas para uma pré entrevista, assim como Puccini (2009) recomenda. Essa pré entrevista tinha como objetivo não só conhecer os possíveis personagens que apareceriam na produção como também auxiliar na pesquisa sobre o tema, tendo em vista que eram profissionais no assunto.

Obteve-se resposta positiva de todos os personagens, entretanto, por questões de agenda dos entrevistados, apenas Pâmela (terapeuta ocupacional) teve disponibilidade. Assim, foi marcado um dia para o encontro e gravada (áudio) a pré entrevista para fins de pesquisa.

Além destes primeiros personagens, dois outros foram conseguidos pela internet. Marcos Petry disponibiliza em seu site o e-mail para contato, por meio dele conseguiu-se agendar uma pré entrevista por chamada de vídeo. Após essa pré entrevista, a produção tomou novos rumos: Marcos foi quem aconselhou a seguir o “caminho pelo espectro” como narrativa de nossa série, tomando como pontapé inicial o diagnóstico e finalizando com a inserção na sociedade por intermédio da escola e trabalho. A entrevista final com Marcos só conseguiu ser realizada em novembro por questões de agenda.

A outra fonte conseguida pela internet foi Mayra Gaiato. Mayra foi encontrada por meio dos vídeos de Marcos, decidiu-se tentar um contato com ela pelo Instagram. A psicóloga logo retornou as mensagens dizendo que participaria da produção e pediu para que fosse enviado um e-mail para adequar melhor as datas. Entretanto não se obteve mais resposta pelo e-mail e nem em novas tentativas pelo Instagram. Por questões de tempo, optou-se por tentar novos personagens

Novos personagens foram conseguidas com o II Seminário sobre Autismo da Serra Gaúcha, que aconteceu em Caxias do Sul no dia 17 de setembro desse ano. Ao descobrir esse evento, a produtora tratou de estabelecer um contato com os organizadores para conseguir uma entrevista com os palestrantes. Vale aqui ressaltar o apoio de Manoela Motta, técnica do Estúdio 21 da UFSM que auxiliou nessa busca e orientou aspectos da gravação para esse dia.

Conseguiu-se a autorização do Instituto UniTEA (organizadores do evento) para tentar uma entrevista no dia do evento com os palestrantes. Detalhes da gravação serão apresentados no tópico seguinte, mas já se adianta que foram realizadas entrevistas com três dos quatro palestrantes: Francisco, Graciela e Patrícia.

Carlos Gadia também era um palestrante no evento, entretanto não foi possível conversar com ele no dia. Porém, com a ajuda de Graciela e Francisco, conseguiu-se um contato com ele. Até o momento não foram obtidas respostas sobre sua participação, mas a produtora continuará insistindo pois acredita que seja uma fonte que trará muita credibilidade para os outros episódios da série.

Esse evento possibilitou também conhecer Raquel e Franciele, dois dos outros personagens que deram entrevistas. É importante ressaltar que para os personagens conseguidos por intermédio do evento não houve a possibilidade de realização de uma pré entrevista, levando em conta a questão de falta de tempo.

Um novo evento realizado pelo Instituto UniTEA foi realizado no dia 7 de novembro, também em Caxias do Sul. Este abordou a questão da inserção de pessoas com transtorno do espectro autista (TEA) no mercado de trabalho e contou com a palestra do diretor geral da Specialisterne do Brasil, Marcelo Vitoriano, que cedeu uma entrevista para a produtora.

Os outros dois personagens, Orlando e Arlete, são os pais de Marcos Petry. Não houve contato prévio com eles, a ideia de entrevista surgiu durante o período que a produtora esteve com eles.

5.2 ESCOLHAS TÉCNICAS

Para a realização do projeto, algumas escolhas técnicas tiveram de ser tomadas. A primeira delas diz respeito a estética do documentário. É importante frisar aqui que a equipe de produção é composta por apenas uma pessoa, tornou-se necessário, assim, estabelecer prioridades. A prioridade escolhida nessa produção é trazer mais valor para o conteúdo do que para a estética. Isso resultou nas condições de filmagens que foram realizadas. Sabe-se que quanto mais planejada for a gravação, maior controle o documentarista terá. Porém, em muitas situações de filmagens que foram captadas para essa produção, não havia como realizar um planejamento prévio.

Essa falta de planejamento prévio se deu nas situações de filmagem que foram realizadas fora de Santa Maria, em locais onde o cenário era totalmente desconhecido para a produtora. Para essas filmagens também precisou haver uma redução de equipamentos, visto que o deslocamento dificultava o transporte de materiais como iluminação softbox e afins que poderiam auxiliar na fotografia da produção.

Os materiais utilizados nas gravações foram os citados no pré-projeto, são eles: uma câmera Sony A6400, uma lente Sigma 16 mm f1.4, uma lente Sony 50mm f1.8, um tripé Greika WT 3710, um microfone lapela Boya BY-M1, dois cartões de memória Sandisk Extreme PRO 170 MB/s. Além destes, foram utilizados um celular Xiaomi mi 9 SE e um Iphone 5 para a captação de áudio. Na entrevista gravada em Santa Maria, utilizou-se também um softbox da marca Fotolux, 50x70cm. A escolha por estes equipamentos se deu pelo fato de que todos são de propriedade da produtora, não havendo problema para leva-los em gravações em outras cidades.

Outra escolha técnica importante foi a formação da equipe de filmagem. A produtora entendeu que ficaria inviável fazer o deslocamento de mais de uma pessoa para as gravações, decidindo assim fazê-las sozinha na grande maioria das vezes. Isso resultou em alguns problemas que serão retratados em um tópico posterior. Para a finalização, entretanto, fez-se necessário o auxílio de uma pessoa.

5.3 GRAVAÇÕES

As gravações desta produção podem ser divididas em seis diárias de entrevistas e duas diárias de eventos autônomos que serão descritas a seguir.

5.3.1 Diárias de Entrevistas

Diária 1

A primeira diária a ser contabilizada é a do dia 17 de setembro, no Anfiteatro da Universidade de Caxias do Sul. Conforme combinado anteriormente com a produção do II Seminário sobre Autismo da Serra Gaúcha, a produtora chegou com uma hora e meia de antecedência no evento para tentar uma entrevista com os palestrantes.

Entretanto, os palestrantes acabaram chegando apenas mais tarde e precisariam participar de uma confraternização antes do início do evento, fazendo com que o contato tivesse que esperar um pouco mais de tempo. Cerca de meia hora antes do início das palestras, a produtora consegue acesso ao camarim onde três dos quatro palestrantes estavam a sua espera para realizar a entrevista (eles já haviam sido avisados pela equipe da UniTEA e aceitado o convite).

Em virtude do curto espaço de tempo até o início do evento, só foi possível realizar a entrevista com Patrícia Beltrão, combinando com outros personagens de fazer a gravação das faltantes assim que finalizasse o evento. Com o término do evento, Francisco e Graciela se dispuseram para fazer a gravação, porém a equipe organizadora do evento precisava leva-los para outra confraternização. Em função disso, somente Francisco conseguiu ser entrevistado rapidamente e Graciela ficou de dar a entrevista no dia seguinte em seu quarto de hotel.

Figura 7. Entrevista com Patrícia



Fonte: Própria autora (2019)

Diária 2

A segunda diária é a do dia 18 de setembro, também em Caxias do Sul. Ela teve início com a gravação da entrevista de Graciela em seu quarto no Hotel Blue Tree Towers pela manhã. No período da tarde foi o momento de conhecer o espaço físico do Instituto UniTEA, que fica localizado no Hospital do Círculo. Após uma visita guiada pelas salas, foram realizadas as entrevistas de Raquel e de Franciele, ambas diretoras do instituto, estabelecendo uma parceria com elas ao final.

Figura 8. Entrevista com Graciela



Fonte: Própria autora (2019)

Figura 9. Diretoras UniTEA e produtora



Fonte: Própria autora (2019)

Diária 3

A terceira diária aconteceu no dia 13 de outubro, em Santa Maria, no consultório da terapeuta ocupacional Pâmela Lima. Por ter realizado uma pré entrevista com a fonte, o local de gravação já era conhecido para a produtora, tornando mais fácil fazer um planejamento e levar os equipamentos necessários.

Para esta gravação, contou-se com o auxílio de Marcos Marin como segunda câmera, utilizando uma Sony alpha A6400 e uma lente Sony 50mm f1.8. Com a ajuda de Marcos, foi possível ter outras opções de planos para o momento da montagem e também adequar o cenário visando melhorar a estética. Outro diferencial nessa gravação foi a utilização do softbox, como adiantado anteriormente.

Figura 10. Entrevista com Pâmela



Fonte: Própria Autora (2019)

Diária 4

A quarta diária foi em Caxias do Sul no dia 7 de novembro. Primeiramente foi realizada uma nova entrevista com Francisco (devido a problemas técnicos que serão apresentados no tópico seguinte) no Hotel Blue Tree Towers. Em seguida, no Centro Universitário da Serra Gaúcha (FSG), Marcelo Vitoriano foi entrevistado.

Figura 11. Entrevista com Francisco Paiva



Fonte: Própria autora (2019)

Figura 12. Entrevista com Marcelo Vitoriano



Fonte: Própria autora (2019)

Diária 5 e 6

As últimas diárias de entrevista aconteceram nos dias 11 e 12 de novembro, em Itapema – Santa Catarina. O encontro com Marcos Petry e sua família havia sido marcado com antecedência. A família a todo momento se disponibilizou a auxiliar a produção do documentário ofertando, inclusive, a estadia em sua casa para a produtora.

No primeiro dia com a família, realizou-se a entrevista com Marcos. Como o período de contato com os personagens era maior nesse caso, foi possível conversar com eles tanto antes quanto depois da entrevista, agregando no teor das perguntas e respostas e possibilitando que novas gravações fossem feitas no caso de algum assunto novo surgir.

No segundo dia, realizou-se a entrevista com Orlando e Arlete, os pais de Marcos e mais algumas gravações dele enquanto tocava violão e gravava vídeos para seu canal. O repertório das músicas gravadas foi decidido pelo próprio músico, chamando atenção para algumas que se conectam com a temática trazendo emoção para o documentário, como: “Hino do Autista – Ronaldo Cruz” e “Maluco Beleza- Raul Seixas”.

Figura 13. Marcos tocando violão



Fonte: Própria autora (2019)

Os dois dias com esta família trouxeram experiências enriquecedoras tanto para a produção quanto para o pessoal da produtora. A amizade criada com Marcos proporcionada pelas horas de conversas sobre os mais diversos temas fez com que a própria produtora conseguisse expandir seu olhar sobre o universo do TEA e comprovar na prática que cada Autista é diferente do outro, que cada um tem sua particularidade e que o potencial dessas pessoas é imenso e precisa ser tornado público.

Figura 14. Família Petry e produtora.



Fonte: Própria autora (2019).

Cabe aqui ressaltar que todas as entrevistas realizadas possuem autorização assinada pelos entrevistados para veiculação do uso de imagem.

5.3.2 Diárias de eventos autônomos

As diárias de eventos autônomos aconteceram nos dias 4 e 13 de Novembro, no consultório da terapeuta ocupacional Pâmela Lima. Para essas gravações, Pâmela escolheu crianças que, em discussão prévia com a produtora, acreditou serem mais adequadas. A produtora pediu crianças de diferentes idades e diferentes gêneros para poder ressaltar essas diferenças de autistas.

Para essas gravações, a produtora acompanhou as consultas com a terapeuta e seus métodos de intervenções, filmando momentos que considerava mais relevantes para a produção.

As gravações foram autorizadas previamente pelas famílias, entretanto, como não foi possível levar no dia as autorizações por escrito, elas ainda não foram recebidas assinadas na forma impressa para a veiculação do uso de imagem.

Figura 15. Terapia Ocupacional com criança autista



Fonte: Própria autora (2019)

5.4 PROBLEMAS

A produção passou por alguns problemas durante a jornada. É importante citá-los nesse trabalho para que futuras obras possam atentar a esses aspectos. Os principais foram: problemas na comunicação entre os personagens e a produtora e problemas na captação do som. Grande parte desses problemas teriam sido solucionados com a inserção de mais profissionais na equipe de produção, vale aqui ressaltar a importância deles em uma jornada como esta.

Primeiramente vamos atentar aos problemas com os personagens. O início do contato com elas foi em maio de 2019. Para cada fonte esperou-se cerca de um mês pela resposta, no caso de negativa ou ausência desta procurava-se outra fonte. A maior dificuldade foi em encontrar um neuropediatra para a produção, foram três tentativas diferentes com contatos recebidos e nenhuma foi de fato conclusiva. Ficando assim sem a presença de um médico para esse primeiro momento, porém será insistido na entrevista de Carlos Gadia ou na procura de outro profissional da área.

Além do problema com os convites diretos, houve problema com os convites realizados pela UniTEA aos palestrantes do primeiro evento. Como não era possível que enviassem o contato destes para a produção, a equipe do instituto ficou responsável por convidar os palestrantes e separar um momento para essas entrevistas acontecerem. Entretanto, só foi possível conseguir meia hora com três palestrantes, sendo que o quarto nem foi convidado para participar desse momento. Compreende-se com essas

experiências a necessidade de uma equipe responsável pelo contato com os personagens, podendo cobrir brechas e pesquisar mais a fundo pelos profissionais.

Também é válido ressaltar a questão da captação de imagem. Como havia apenas uma pessoa e uma câmera para gravar na grande maioria das vezes, não foi possível realizar tomadas de planos diferentes para tornar a montagem mais dinâmica. A câmera foi posicionada em um tripé e a gravação inteira se dá por um único plano.

Outra complicação significativa foi a captação do áudio. A gravação de todas as entrevistas foi feita em dois canais: por meio do gravador da própria câmera Sony e do microfone lapela conectado a um celular. Nas diárias 1 e 2, o lapela foi conectado a um celular Xiaomi através de um adaptador. Porém, não sabemos se por problemas no aplicativo de gravação ou no adaptador as gravações ficaram mudas. Havia sido feito um teste anterior para ver se estava tudo certo com o gravador e o teste funcionou perfeitamente. Procurou-se então a ajuda de Márcio Gomes, técnico de áudio do Estúdio 21, para encontrar o problema e uma solução. Não foi obtido êxito na recuperação dos arquivos, porém Márcio realizou novos testes com a produtora e orientou para novas gravações. Entende-se aqui que se houvesse um profissional com a responsabilidade focada na captação do áudio talvez esse problema pudesse ser evitado.

5.5 MONTAGEM

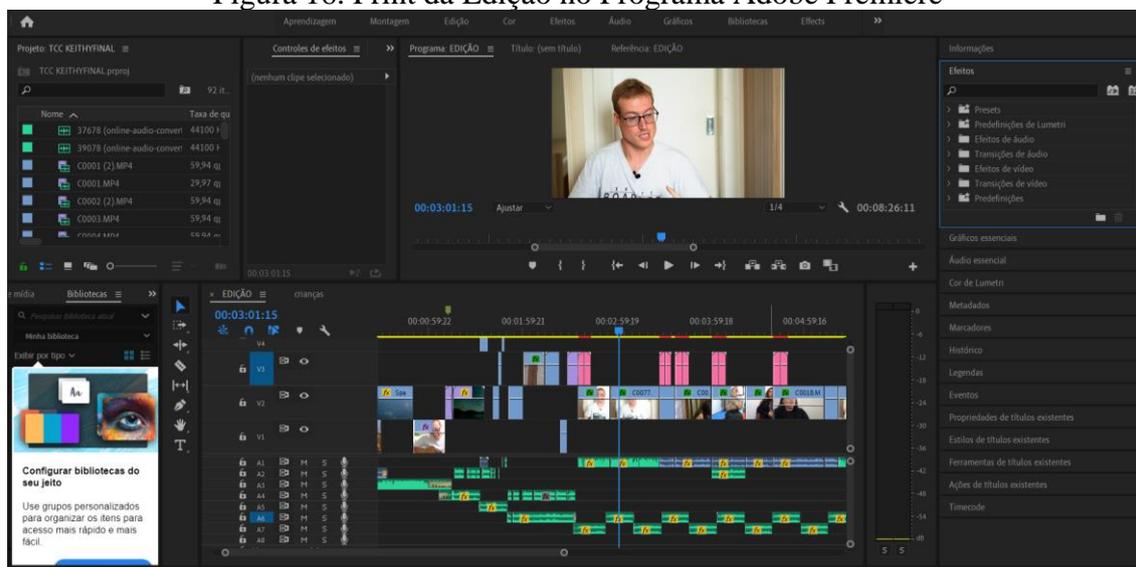
Dividiu-se esse tópico em dois momentos: a criação da identidade, que definiu os caminhos para a montagem e a montagem do todo. A etapa da criação da identidade começou antes da realização das entrevistas. Nela foi pensado na temática de universo que guiaria toda a jornada da série.

Para elaborar a montagem do episódio piloto, foi preciso fazer uma análise do material coletado. Para as entrevistas, realizou-se uma transcrição por meio de anotações principais dos tópicos discutidos nelas. Também foi feito um levantamento dos materiais que poderiam ser mesclados entre as tomadas de entrevistas para criar uma dinamicidade e ritmo para a produção.

Após essa etapa, criou-se um esboço de roteiro de edição que auxiliou a produtora na hora da montagem. Toda a edição de cortes foi feita no programa *Adobe Premiere* pela produtora do documentário. A colorização foi feita no programa *DaVinci Resolve* por Marcos Marin. As animações de vinheta e *lower thirds* foram realizadas no programa *Adobe After Effects* também por Marcos.

Durante a montagem, optou-se por não utilizar motion graphics, como apresentado na proposta inicial, pois entendeu-se que prejudicariam a dramaticidade do episódio no todo. A linguagem do episódio piloto é voltada para o expositivo, possuindo algumas características do modo poético quando abordando a temática do universo.

Figura 16. Print da Edição no Programa Adobe Premiere



Fonte: Própria autora (2019)

O tratamento de áudio e inserção de trilha sonora também foi feito pelo programa *Adobe Premiere*. Optou-se por utilizar algumas músicas que Marcos Petry cantou durante a gravação como trilha sonora para certos momentos, a fim de colaborar na dramaticidade do produto. O restante das trilhas foi composto por músicas encontradas no site *Musicbed*. Toda a locução é feita por Marcos Marin.

Na montagem, a logo da Universidade Federal de Santa Maria foi inserida representando o papel de empresa financiadora da publicidade social, a fim de melhor visualizar em que momento as marcas de empresas poderiam ser introduzidas.

Foi criada também uma sinopse para auxiliar em uma futura divulgação do produto:

6 APONTAMENTOS FINAIS DA JORNADA

Por meio das pesquisas realizadas e do contato com profissionais sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), foi possível estender o conhecimento que a autora tinha sobre o tema. Além de compreender o autismo numa visão geral, abordou-se a jornada do TEA, que inicia no diagnóstico, passa pela adaptação da família, métodos de tratamentos, representação na mídia e inserção na sociedade. O contato com pessoas no espectro e suas famílias, favoreceu uma visão mais sensível sobre o tema.

Antes de dar início a este trabalho, a autora só conhecia uma realidade sobre o transtorno e um entendimento muito raso sobre ele. Por só ter contato com o irmão, acabava inferindo que só existia aquele modo de ser e cria não ser possível uma evolução no espectro.

Após a realização desse trabalho, a autora consegue perceber alguns erros que foram cometidos na trajetória do irmão que impossibilitaram seu desenvolvimento pleno. Não é correto estabelecer culpados para esses erros, pois a falta de conhecimento faz com que eles sejam cometidos sem intenção. Aqui percebe-se a pertinência dessa produção, ao tornar acessível esse conhecimento é possível que trajetórias de outras pessoas com o Transtorno do Espectro Autista sejam diferentes.

Outro importante resultado que se obteve com o trabalho foi a exploração da questão da Publicidade Social, uma outra faceta da publicidade que busca a visibilidade de causas sociais e favorece a participação ativa do público. A autora não estava habituada a esse tipo de publicidade em virtude de ele não ser discutido durante a graduação. Esse estudo agregou tanto no profissional quanto no pessoal da autora, ao conquistar uma compreensão de outros caminhos que a habilitação escolhida pode alcançar e possibilitar a visibilidade de uma causa tão importante como a do autismo.

Também foi possível conhecer a produção documentária e praticar todas as suas fases de pré-produção, filmagem e pós-produção, capacitando, assim, a autora nessa vertente do audiovisual. Alguns problemas foram enfrentados durante o processo, como a dificuldade da realização solo de um projeto desse tipo e erros técnicos, eles serviram de aprendizado e colaboraram no desenvolvimento da autora, fazendo-a perceber a importância da formação de uma equipe e a delegação de tarefas.

Compreende-se, então, que os objetivos desse trabalho foram cumpridos. O projeto não finaliza aqui com a entrega do episódio piloto para avaliação. Os demais episódios serão postos em prática e veiculados.

A partir desse estudo novos caminhos foram abertos para a autora, possibilitando uma visão muito mais social de suas produções. Outras realizações do gênero podem surgir com base na experiência adquirida aqui. Espera-se que este trabalho possa se estender e servir de inspiração para outras pessoas.

REFERÊNCIAS

BALONAS, Sara T. R. de O. **A publicidade a favor de causas sociais: evolução, caracterização e variantes do fenômeno em Portugal.** 2006. 109 p. Tese de Mestrado (Mestrado em Ciências da Comunicação)-Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2006.

BRITES, CLAY. **Meu filho tem autismo e agora?**. Entendendo Autismo, 2019. Disponível em: <<http://entendendoautismo.com.br/artigo/meu-filho-tem-autismo-e-agora/>>. Acesso em: 15 nov. 2019

GAIATO, Mayra. **Canabidiol – No tratamento do Autista.** Youtube, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P-eRHcGByLM>>. Acesso em: 15 nov. 2019

GONÇALVES, Gisela M. P. **Publicidade a causas sociais ou um olhar sobre a sua [in]eficácia.** Universidade da Beira Interior. 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/goncalves-gisela-publicidade-social.pdf>>. Acesso em 15 de nov. 2019

LUCERDA, Lucelmo. **Luz, Câmera, Estereótipo – Ação!** A representação do autismo nas séries de TV. Revista Espaço Acadêmico – n. 193– Junho/2017.

MANDAL, Ananya. **História do Autismo.** News-Medical, 2019. Disponível em: <[https://www.news-medical.net/health/Autism-History-\(Portuguese\).aspx](https://www.news-medical.net/health/Autism-History-(Portuguese).aspx)>. Acesso em: 15 nov. 2019

MEC. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília. 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>>. Acesso em 15 nov. 2019

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: guia prático.** 5 ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007. 104 p.: il

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** Campinas, SP: Papyrus, 2005.

OABDF. **Cartilha dos direitos da pessoa com autismo.** Distrito Federal, 2015.

OMS. **Folha informativa-** transtorno do espectro autista. 2017. Disponível em: <<https://www.paho.org/bra/index.php?Itemid=1098>>. Acesso em: 15 nov. 2019

PLANALTO. **Decreto Nº 6.949.** Brasília. 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm>. Acesso em 15 de nov. 2019

PIGNATARI, Graciela. **Autismo x Genética.** Revista Autismo. 2019. Disponível em: <<https://www.revistaautismo.com.br/artigos/autismo-x-genetica/>>. Acesso em: 15 nov. 2019

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção.** Campinas, SP: Papyrus, 2009.

RABAIOLLI, J.; CARDENAL, J. **Publicidade social sem interação?** Análise da campanha #corrupção. Apresentado na X Pró-Pesq PP – Encontro Nacional de Pesquisadores em Publicidade e Propaganda. 2019.

SALDANHA, Patrícia G. **Publicidade Social:** uma posição brasileira inicial sobre as possibilidades contra-hegemônicas da comunicação publicitária. Anais do VIII Pró-Pesq PP – Encontro Nacional de Pesquisadores em Publicidade e Propaganda. 2017. Disponível em: <<http://www.abp2.org/anais>>. Acesso em 25 nov. 2019.

SENADO. **Senado aprova a inserção de dados sobre o autismo em censos demográficos.** Site Oficial. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/presidencia/noticia/davi-alcolumbre/senado-aprova-a-insercao-de-dados-sobre-o-autismo-em-censos-demograficos>>. Acesso em: 15 nov. 2019

SILVA, A. B. B.; GAIATO, M. B.; REVELES, L. T. **Mundo singular:** entenda o autismo. Ebook. Fontanar, 2012.

SOUSA, Gonçalo. **Cinema documental:** de onde vem o documentário?. Mundo de Cinema. Disponível em: <<http://mundodecinema.com/documentario/>> . Acesso em 15 nov. 2019

SUPERESPECTRO. **Do luto ao renascimento:** como enfrentar o diagnóstico do autismo. Disponível em: <<http://superspectro.com.br/noticia/do-luto-ao-renascimento-como-enfrentar-o-diagnostico-do-autismo>>. Acesso em 15 nov. 2019

SUPLINO, Isabella O. **Comunicação e inclusão social:** análise das contribuições do cinema para o processo de inclusão social. Revista Contemporânea, ed.16, vol. 8, n.3, 2010. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/viewFile/799/944>> Acesso em: 12 dez. 2019

TAMAHANA, A. C.; PERISSINOTO, J., CHIARI, B.M. **Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger.** Rev Soc Brasileira de Fonoaudiologia. 2008; p. 296-299. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsbf/v13n3/a15v13n3.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2019

VIEIRA, Soraia. **PECS.** Revista Autismo. Disponível em: <<https://www.revistaautismo.com.br/artigos/pecs/>>. Acesso em: 15 nov. 2019

YOUTUBE. **Orange Timor.** 2013 .Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HqBaZmUvcOw>>. Acesso em: 15 nov. 2019

ANEXOS

ANEXO A: Critérios diagnósticos para Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) DSM-V

A. Dificuldades persistentes na comunicação social e na interação social que permanecem nos diferentes ambientes e situações. Essas dificuldades podem aparecer das maneiras seguintes:

1. Dificuldades nas trocas/interações sociais e emocionais, que podem se apresentar, por exemplo, como um primeiro contato social fora do normal e não conseguir manter uma conversa ou compartilhar muito pouco seus interesses, emoções e afetos ou não conseguir iniciar uma interação social ou corresponder às iniciativas de outras pessoas.

2. Dificuldades nos comportamentos de comunicação não verbal (como gestos com as mãos, com o corpo, expressões faciais) usados nas interações sociais, que podem variar, por exemplo, de combinar mal a comunicação verbal e a não verbal, a ter contato visual e linguagem corporal fora do normal e/ou a não ter nenhuma expressão facial e/ou nenhum tipo de comunicação não verbal.

3. Dificuldades em desenvolver, manter e entender relacionamentos, que podem variar, por exemplo, de não conseguir ajustar o comportamento para as diferentes situações sociais, a dificuldades em brincar de faz de conta com outras pessoas, dificuldades para fazer amigos, podendo chegar até ao desinteresse total nas pessoas da mesma idade. O médico deve especificar a severidade atual dos sintomas acima. A severidade é baseada nas deficiências de comunicação social e nos padrões restritos e repetitivos de comportamento.

B. Comportamentos, interesses e atividades restritos e repetitivos, que se manifestam atualmente ou historicamente por menos duas das seguintes maneiras:

1. Movimentos, uso de objetos e/ou fala estereotipados ou repetitivos (gestos ou fala repetitivos e sem função aparente, como alinhar os brinquedos, girar objetos, ecolalia, frases repetitivas e sem sentido)

2. Insistência em manter tudo sempre igual, aderência inflexível a rotinas, ou comportamentos verbais ou não verbais ritualizados (rígidos) (por exemplo, ficar muito nervoso com mudanças pequenas, dificuldades nas transições de situações ou atividades, pensamento rígido, rituais nos cumprimentos/saudações, necessidade de fazer sempre o mesmo caminho ou comer sempre a mesma comida todos os dias).

3. Interesses muito restritos e fortes, fora do normal em intensidade ou foco de atenção (por exemplo, apego ou preocupação muito forte com objetos fora do comum, interesses restritos ou perseverantes).

4. Reações muito fortes ou muito fracas (hiper-reatividade ou hipo-reatividade) a estímulos externos, ou interesse fora do normal em aspectos sensoriais do ambiente (por exemplo, indiferença aparente 59 60 à dor ou temperatura, resposta negativa a determinados sons ou texturas, cheirar ou tocar excessivamente os objetos, fascinação visual por luzes ou determinados movimentos). O médico precisa descrever a severidade atual dos sintomas (leve, moderada ou severa) das deficiências na comunicação social e dos comportamentos restritos e repetitivos.

C. Os sintomas devem estar presentes no período inicial do desenvolvimento (mas podem não se manifestar totalmente até que as demandas/ exigências sociais excedam suas capacidade de responder a elas; também podem ser mascaradas mais a frente por estratégias aprendidas).

D. Os sintomas causam deficiência clinicamente significativa na área social, ocupacional ou outras áreas importantes na vida/funcionamento atual da pessoa.

E. Esses sintomas não são mais bem explicados por deficiência intelectual (transtorno do desenvolvimento intelectual) ou atraso global do desenvolvimento. A deficiência intelectual e o transtorno do espectro do autismo frequentemente ocorrem em conjunto; para fazer diagnósticos de ocorrência conjunta de transtorno do espectro do autismo e deficiência intelectual, a comunicação social deve estar abaixo do esperado para o nível de desenvolvimento atual.)

Observação: Indivíduos com um diagnóstico pelo DSM-IV bem estabelecido de transtorno autístico, transtorno de Asperger ou transtorno invasivo do desenvolvimento sem outra especificação, devem ser diagnosticados como tendo um Transtorno do Espectro do Autismo. Indivíduos que tem deficiências marcantes na comunicação social, mas cujos outros sintomas não atendem os critérios de transtorno do espectro do autismo devem ser avaliados para transtorno de comunicação social (pragmática). O médico precisa especificar se os sintomas:

- São acompanhados ou não de deficiência intelectual
- São acompanhados ou não de deficiência de linguagem

- Estão associados com uma condição médica, genética ou fator ambiental conhecidos.

Nota sobre a numeração/codificação: use o código adicional para identificar a condição médica ou genética associada.

- Estão associados com outros transtornos de desenvolvimento neurológico, mental ou comportamental

Nota sobre a codificação: usar código adicional para identificar o transtorno de desenvolvimento neurológico, mental ou comportamental associado.

- São acompanhados de catatonia (consulte os critérios para catatonia associadas com outro transtorno mental)

Nota sobre a numeração: use o código adicional 293.89 – catatonia associada com transtorno do espectro do autismo para indicar a presença de catatonia como comorbidade.

ANEXO B: Diretrizes Diagnósticas para Autismo Infantil (CID-10)

a) Comprometimentos qualitativos na interação social recíproca:

- Apreciação inadequada de indicadores sócio-emocionais, como demonstrada por uma falta de respostas para as emoções de outras pessoas e/ou falta de modulação do comportamento de acordo com o contexto social;
- Uso insatisfatório de sinais sociais, emocionais e de comunicação e, especialmente, uma falta de reciprocidade sócio-emocional;

b) Comprometimentos qualitativos na comunicação:

- Falta de uso social de quaisquer habilidades de linguagem que estejam presentes;
- Comprometimentos em brincadeiras de faz-de-conta e jogos sociais de imitação;
- Pouca sincronia e falta de reciprocidade no intercâmbio de conversação;
- Pouca flexibilidade na expressão da linguagem e uma relativa ausência de criatividade e fantasia nos processos de pensamento;
- Falta de resposta emocional às iniciativas verbais e não-verbais de outras pessoas;
- Uso comprometido de variações na cadência ou ênfase para refletir modulação comunicativa e uma falta similar de gestos concomitantes para dar ênfase ou ajuda na significação na comunicação falada.

c) Padrões de comportamento, interesses e atividades restritos, repetitivos e estereotipados:

- Tendência a impor rigidez e rotina a uma ampla série de aspectos do funcionamento diário, usualmente isto se aplica tanto a atividades novas quanto a hábitos familiares e a padrões de brincadeiras;
- Particularmente na primeira infância, pode haver vinculação específica a objetos incomuns, tipicamente não-macios;
- Pode insistir na realização de rotinas particulares e rituais de caráter não-funcional;
- Pode haver preocupações estereotipadas com interesses tais como datas, itinerários ou horários;
- Frequentemente há estereotipias motoras; um interesse específico em elementos não-funcionais de objetos (tais como o cheiro e o tato);

- É comum e pode haver resistência à mudança na rotina e em detalhes do meio ambiente pessoal (tais como as movimentações de ornamentos ou móveis da casa).

Além dos aspectos diagnósticos específicos descritos acima, é frequente a criança com autismo mostrar uma série de problemas não-específicos, tais como:

- Medo /fobias, perturbações de sono e alimentação e alimentação, ataques de birra e agressão;
- A autolesão (p. ex. morder o punho), é bastante comum, especialmente quando há retardo mental grave associado;
- A maioria dos indivíduos com autismo carece de espontaneidade, iniciativa e criatividade na organização de seu tempo de lazer e tem dificuldade em aplicar conceitualizações em decisões de trabalho (mesmo quando as tarefas em si estão à altura de sua capacidade).

A manifestação específica dos déficits característicos do autismo muda à medida que as crianças crescem, mas os déficits continuam através da vida adulta com um padrão amplamente similar de problemas de socialização, comunicação e padrões de interesse. Todos os níveis de QI podem ocorrer em associação com o autismo, mas há um retardo mental significativo em cerca de três quartos dos casos

ANEXO C: M-CHAT

Por favor, tente responder todas as questões. Caso o comportamento na questão seja raro (ex. você só observou uma ou duas vezes), por favor, responda como se seu filho não fizesse o comportamento.

1. Seu filho gosta de ser balançado, de sentar em seu joelho e pular, etc?
 SIM / NÃO
2. Seu filho tem interesse por outras crianças? (*)
 SIM / NÃO
3. Seu filho gosta de subir em coisas, como escadas e móveis?
 SIM / NÃO
4. Seu filho gosta de brincar de esconder e mostrar o rosto ou de esconde-esconde?
 SIM / NÃO
5. Seu filho já brincou de faz-de-conta, como, por exemplo, fazer de conta que está falando no telefone ou que está cuidando da boneca, ou qualquer outra brincadeira de faz-de-conta?
 SIM / NÃO
6. Seu filho já usou o dedo indicador dele para apontar, para pedir alguma coisa?
 SIM / NÃO
7. Seu filho já usou o dedo indicador dele para apontar, para indicar interesse em algo? (*)
 SIM / NÃO
8. Seu filho consegue brincar de forma correta com brinquedos pequenos (ex. carros ou blocos), sem apenas colocar na boca, remexer no brinquedo ou deixar ele cair?
 SIM / NÃO
9. O seu filho alguma vez trouxe objetos para você (pais) para lhe mostrar esse objeto? (*)
 SIM / NÃO
10. O seu filho olha para você no olho por mais de um segundo ou dois?
 SIM / NÃO
11. O seu filho já pareceu muito sensível ao barulho (por exemplo, tapando os ouvidos?)
 SIM / NÃO
12. O seu filho sorri em resposta ao seu rosto ou ao seu sorriso?

- SIM / NÃO
13. O seu filho imita você (por exemplo, você faz expressões/careta e seu filho imita)?
(*)
 SIM / NÃO
14. O seu filho responde quando você chama ele pelo nome? (*)
 SIM / NÃO
15. Se você aponta um brinquedo do outro lado do cômodo, o seu filho olha para ele?
(*)
 SIM / NÃO
16. Seu filho já sabe andar?
 SIM / NÃO
17. O seu filho olha para coisas que você está olhando?
 SIM / NÃO
18. O seu filho faz movimentos com os dedos perto do rosto dele?
 SIM / NÃO
19. O seu filho tenta atrair a sua atenção para a atividade dele?
 SIM / NÃO
20. O seu filho entende o que as pessoas dizem?
 SIM / NÃO
21. O seu filho às vezes fica aéreo, “olhando para o nada” ou caminhando sem direção definida?
 SIM / NÃO
22. O seu filho olha para o seu rosto para conferir a sua reação quando ele vê algo estranho?
 SIM / NÃO

ANEXO D: LEI 12.764

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Esta Lei institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e estabelece diretrizes para sua consecução.

§ 1º Para os efeitos desta Lei, é considerada pessoa com transtorno do espectro autista aquela portadora de síndrome clínica caracterizada na forma dos seguintes incisos I ou II:

I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II - padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos.

§ 2º A pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais.

Art. 2º São diretrizes da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista:

I - a intersectorialidade no desenvolvimento das ações e das políticas e no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista;

II - a participação da comunidade na formulação de políticas públicas voltadas para as pessoas com transtorno do espectro autista e o controle social da sua implantação, acompanhamento e avaliação;

III - a atenção integral às necessidades de saúde da pessoa com transtorno do espectro autista, objetivando o diagnóstico precoce, o atendimento multiprofissional e o acesso a medicamentos e nutrientes;

IV - (VETADO);

V - o estímulo à inserção da pessoa com transtorno do espectro autista no mercado de trabalho, observadas as peculiaridades da deficiência e as disposições da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente);

VI - a responsabilidade do poder público quanto à informação pública relativa ao transtorno e suas implicações;

VII - o incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista, bem como a pais e responsáveis;

VIII - o estímulo à pesquisa científica, com prioridade para estudos epidemiológicos tendentes a dimensionar a magnitude e as características do problema relativo ao transtorno do espectro autista no País.

Parágrafo único. Para cumprimento das diretrizes de que trata este artigo, o poder público poderá firmar contrato de direito público ou convênio com pessoas jurídicas de direito privado.

Art. 3º São direitos da pessoa com transtorno do espectro autista:

I - a vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança e o lazer;

II - a proteção contra qualquer forma de abuso e exploração;

III - o acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde, incluindo:

- a) o diagnóstico precoce, ainda que não definitivo;
- b) o atendimento multiprofissional;
- c) a nutrição adequada e a terapia nutricional;
- d) os medicamentos;
- e) informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento;

IV - o acesso:

- a) à educação e ao ensino profissionalizante;
- b) à moradia, inclusive à residência protegida;
- c) ao mercado de trabalho;
- d) à previdência social e à assistência social.

Parágrafo único. Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado.

Art. 4º A pessoa com transtorno do espectro autista não será submetida a tratamento desumano ou degradante, não será privada de sua liberdade ou do convívio familiar nem sofrerá discriminação por motivo da deficiência.

Parágrafo único. Nos casos de necessidade de internação médica em unidades especializadas, observar-se-á o que dispõe o art. 4º da Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001.

Art. 5º A pessoa com transtorno do espectro autista não será impedida de participar de planos privados de assistência à saúde em razão de sua condição de pessoa com deficiência, conforme dispõe o art. 14 da Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998.

Art. 6º (VETADO).

Art. 7º O gestor escolar, ou autoridade competente, que recusar a matrícula de aluno com transtorno do espectro autista, ou qualquer outro tipo de deficiência, será punido com multa de 3 (três) a 20 (vinte) salários-mínimos.

§ 1º Em caso de reincidência, apurada por processo administrativo, assegurado o contraditório e a ampla defesa, haverá a perda do cargo.

§ 2º (VETADO).

Art. 8º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 27 de dezembro de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

José Henrique Paim Fernandes

Miriam Belchior